

ESCOLA FELIZ

GRUPO 1 - ESCOLA FELIZ

SERÃO de SEXTA-FEIRA dia 13 de NOVOEMBRO

MANHÃ de SÁBADO dia 14 de NOVOEMBRO

✓ VÍDEO 1

✓ VÍDEO 2

✓ VÍDEO 3

✓ VÍDEO 4

✓ VÍDEO 5

✓ VÍDEO 6

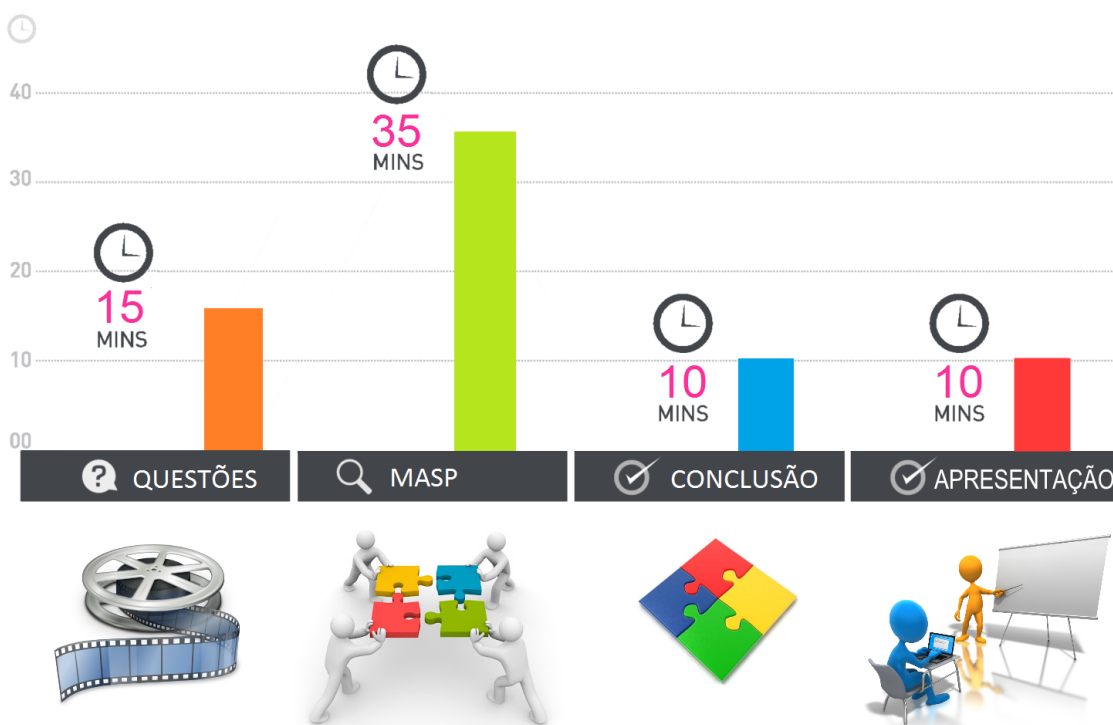
“CONVIDADOS – não presenciais...”:



1. **VÍDEO 1:** *Barry Schwartz* – Psicólogo e autor de inúmeros livros a destacar “Sabedoria Prática”.
2. **VÍDEO 2:** *Paul J. Zak* – Neuroeconomista – utiliza as neuro-ciências para melhorar a performance das organizações.
3. **VÍDEO 3:** *Matthieu Ricard* – Doutorado em genética molecular pelo Instituto Pasteur. Após completar sua tese de doutoramento, em 1972, Ricard decidiu abandonar sua carreira científica e se concentrar na prática do Budismo Tibetano.
4. **VÍDEO 4:** *Todd Rose* – co-fundador e presidente do Centro de Oportunidade Individual e um membro do corpo docente da Escola de Pós-Graduação de Educação de Harvard. Investigador em psicologia do desenvolvimento conhecido pelo seu trabalho em inteligência e aprendizagem com ênfase sobre a individualidade a questões de potencial humano, desenvolvimento de talentos.
5. **VÍDEO 5:** *Sugata Mitra* – Professor de Tecnologia Educacional da Faculdade de Educação, Comunicação e Ciências da Linguagem da Universidade de Newcastle, Inglaterra. Ficou conhecido pela sua experiência do “Buraco na Parede”.
6. **VÍDEO 6:** *Eric Sheninger* – especialista em Liderança digital no Centro Internacional de Liderança em Educação (ICLE). Premiado em New

Milford High School. Com a sua liderança a escola tornou-se um modelo globalmente reconhecido para práticas inovadoras. Eric supervisionou a implementação bem sucedida de várias iniciativas de mudança sustentáveis que transformaram radicalmente a cultura de aprendizagem na sua escola.

METODOLOGIA



MTG – METODOLOGIA DE TRABALHO DE GRUPO:

MASP *adaptado* – Método de Análise e Soluções de Problemas *adaptado* – é um roteiro complexo utilizado para resoluções de problemas. Método prescritivo, racional, estruturado e sistemático para o desenvolvimento de um processo de melhoria num ambiente organizacional ou social, visando a solução de problemas e obtenção de resultados otimizados. Modelo prescritivo:

1. **ESCOLHA DE UM PROBLEMA;**
2. **ANÁLISE DAS SUAS CAUSAS;**
3. **DETERMINAÇÃO DAS AÇÕES;**
4. **SOLUÇÕES.**

TRABALHO DE GRUPO – TEMA 1: ESCOLA FELIZ

VIDEO	AUTOR	Título do Vídeo	ÁREA TEMÁTICA- LINK	COMPONENTES DA FORMAÇÃO	TEMPO
VEF1	Barry Schwartz	“Usar a Nossa Sabedoria Prática”	Virtude e Sabedoria Prática http://www.ted.com/talks/barry_schwartz_using_our_practical_wisdom	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEF2	Paul J. Zak	“Confiança, Moral e Ocitocina”	Auto-estima, Valores morais, confiança e relações inter-pessoais. https://www.youtube.com/watch?v=rFAdlU2ETJU	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEF3	Matthieu Ricard	“Hábitos de Felicidade”	Treino Mental e Meditação nas Escolas http://www.ted.com/talks/matthieu_ricard_on_the_habits_of_happiness?language=pt	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Ser”	1:00 h
VEF4	Todd Rose	“O Mito da Media”	Escolas para todos os tipos de mentes – Insucesso e Má Conceção do Modelo Educativo. https://www.youtube.com/watch?v=4eBmyttcfU4	MODELO EDUCATIVO – “Aprender a relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEF5	Sugata Mitra	“Construir uma Escola na Nuvem”	Ambientes de Aprendizagem Auto-Organizados https://www.ted.com/talks/sugata_mitra_build_a_school_in_the_cloud	MODELO EDUCATIVO – “Aprender a ser e a relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEF6	Eric Sheninger	“Escolas que Funcionam para as Crianças”	Novos Modelos de Organização Pedagógica – Repensar o Objetivo da Escola. https://www.youtube.com/watch?v=mwRLVvORugw	MODELO EDUCATIVO – “Aprender a ser e a relacionar-se com os outros”	1:00 h
O1	José Pacheco	Escola da Ponte	Educação Para a Interioridade Humana	MODELO EDUCATIVO – “Escola da Ponte”	0:30 h
O2	Manuela Queirós	Aprender a Ser Feliz	Projeto de Inteligência Emocional na Escola – Um caso de sucesso.	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Ser”	1:00 h
O3	José Pacheco	Escola da Ponte – Estudo de Caso	Novos Modelos de Organização Pedagógica	MODELO EDUCATIVO – “Aprender a relacionar-se com os outros”	1:00 h

LEGENDA: MT – Metodologia de Trabalho; TP – Técnicas pedagógicas; MTG – Metodologia de Trabalho de Grupo

Bibliografia de Apoio – ESCOLA FELIZ

VEF1:

- Juliana C. Benício de Carvalho e Sandra F. C. de Almeida, (2011), “Desenvolvimento Moral do ensino médio: Concepções de professores e autonomia dos alunos”; ver. Psicologia. Argum., Curitiba; v.29, n.965, pp.187-199; abr./jun. 2011;
- Barry Schwartz & Kenneth Scharpe (2010), “Practical Wisdom – The right Way to do the right Thing”; Riverhead Books New York.

VEF2:

- Paul J. Zak, Angela A. Stanton, Sheila Ahmadi, “Oxytocin Increases Generosity in Humans”, Journal Plos One 3ovember 2007; Vol.2; issue 11: e 1128.
- Paul J. Zak et al. (2005), “Oxytocin is associated with human Trustworthiness”; Science Direct, Hormones and behavior; Vol 48, aug. 2005; pp. 522-527
- Michael Kosfeld et. Al (2005), “Oxytocin increases trust in humans”; Vol. 435, June 2005; 10.1038 nature03701:

VEF3:

- Kyle Jarrad, “As meditações de um Monge na Busca pela Felicidade”.

- Michäel Dambrun & Matthieu Ricard (2011), "Self-Centeredness and Selflessness: A Theory of Self-based Psychological Functioning and its Consequences for Happiness"; Review of General Psychology; 2011; Vol. 15; Nº 2; pp. 138-157.
- Matthieu Ricard, "Happiness, a guide to developing life's most important skill";
- Helena Marujo e Luís Miguel Neto; "Ser Feliz – Índice de Felicidade"; Instituto da Felicidade coca-cola

VEF4:

- Christina Hinton, Kurt W. Fischer, and Catherine Glennon; "student-centered learning"; Student at the center;
- Kurt W. Fischer and L. Todd Rose; "Webs of Skill: How Students learn – Identifying the complex and variable ways that students learn and develop can help educators provide differentiated instruction"; Educational Leadership / November 2001.
- Mary-Dean Barringer, Craig Pohlman, Michele Robinson; "Schools for All Kinds of minds – Bosting Student Success by Embracing learning variation"; Jossey Bass.

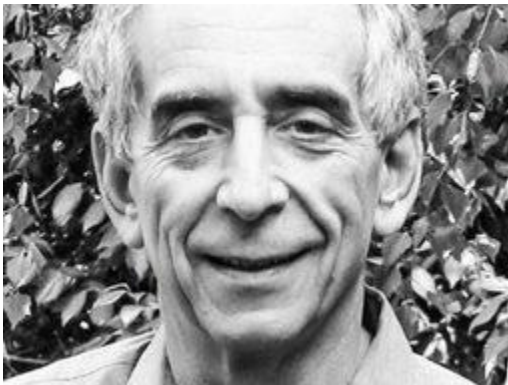
VEF5:

- Sugata Mitra and Ritu Dangwal (2010); "Limits to self-organising systems of learning – the Kalikuppam experiment"; British Journal of Educational Technology; Vol. 41; N.º 5; 2010; pp. 672-688
- Sugata Mitra, David Leat, Paul Dolan, Emma Crawley, (2010); "The Self Organised learning Environment (SOLE) School Support Pack"
- Sugata Mitra, "How to Bring Self-organized learning Environments to Your Community"; TED Prize Winner

VEF6:

- Eric Sheninger (2014), "Digital Leadership: Changing Paradigms for Changing Times";

VÍDEO 1: "USAR A NOSSA SABEDORIA PRÁTICA" – BARRY SCHWARTZ



A primeira coisa que eu quero fazer é dizer obrigado a todos vós. A segunda coisa que eu quero fazer é apresentar o meu co-autor, querido amigo e co-professor. O Ken e eu temos trabalhado juntos durante quase 40 anos. Aquele é o Ken Sharpe ali.

0:25

(Aplausos)

0:27

Há entre muitas pessoas - certamente eu e a maioria das pessoas com quem eu falo - uma espécie de insatisfação colectiva com a forma como as coisas estão a funcionar, com o modo como as nossas instituições funcionam. Os professores das nossas crianças parecem estar a falhar. Os nossos médicos não fazem a mínima ideia de quem somos, e eles não têm tempo suficiente para nós. Nós certamente não podemos confiar nos banqueiros, e não podemos certamente confiar nos correctores. Eles quase que deitaram abaixo todo o sistema financeiro. E mesmo quando fazemos o nosso próprio trabalho, com demasiada frequência nos deparamos com a necessidade de escolher entre fazer aquilo que pensamos ser a coisa acertada e aquilo que é a coisa expectável, ou aquilo que nos é requerido, ou aquilo que é lucrativo. Por isso, para onde quer que olhemos, praticamente em todo o lado, preocupamo-nos que as pessoas em quem dependemos não queiram o que é melhor para nós. Ou se tiverem os nossos interesses em consideração, preocupamo-nos que elas não nos conheçam suficientemente bem para saberem o que precisam de fazer para nos permitir assegurar esses interesses. Elas não nos compreendem. Elas não têm tempo suficiente para nos conhecer.

1:40

Há dois tipos de respostas que nos damos para resolver este tipo de insatisfação geral. Se as coisas não estão a correr bem, a primeira resposta é: vamos fazer mais regras, vamos criar um conjunto de procedimentos detalhados para assegurar que as pessoas vão fazer a coisa certa. Dêem guiões aos professores para os seguirem na sala de aula de modo a que, mesmo que eles não saibam o que estão a fazer e não se preocupem com o bem-estar das nossas crianças, desde que eles sigam os guiões, os nossos miúdos serão educados. Dêem aos juízes uma lista de sentenças obrigatórias para impor para crimes, para que não tenhamos de confiar nos juízes usando o seu discernimento. Em vez disso, tudo o que eles têm de fazer é olhar para a lista e ver que tipo de sentença corresponde a um determinado crime. Imponham limites aos juros que as companhias de cartões de crédito podem cobrar e naquilo que podem cobrar em taxas. Mais e mais regras para nos proteger contra um conjunto indiferente e insensível de instituições com que temos de lidar.

2:47

Ou - ou talvez e - além de regras, vamos ver se conseguimos pensar em alguns incentivos muito inteligentes de modo a que, mesmo se as pessoas com quem lidamos não querem particularmente servir os nossos interesses, seja do seu interesse servir os nossos interesses - os incentivos mágicos que farão com que as pessoas façam a coisa acertada mesmo que apenas por puro egoísmo. Por isso nós oferecemos bónus aos professores se os seus alunos passarem nos grandes testes que são usados para avaliar a qualidade dos sistemas escolares.

3:23

Regras e incentivos - paus e cenouras. Aprovámos uma série de regras para regular a indústria financeira em resposta ao recente colapso. Há o Dodd-Frank Act, há a nova Agência de Protecção Financeira do Consumidor [Consumer Financial Protection Agency] que está a ser temporariamente chefiada nos bastidores por Elizabeth Warren. Talvez estas regras irão, na verdade, melhorar a forma como estas empresas de serviços financeiros operam. Veremos. Além disto, estamos a lutar para encontrar uma forma de criar incentivos para as pessoas na indústria de serviços financeiros para que elas se interessem mais em servir os interesses de longo prazo até das suas próprias empresas, em vez de assegurar os lucros de curto-prazo. Por isso, se encontrarmos justamente os incentivos certos, elas farão a escolha acertada - como disse - de forma egoísta, e se nós conseguirmos encontrar as regras e regulações certas, elas não nos conduzirão para o abismo. E o Ken [Sharpe] e eu sabemos certamente que vocês precisam de guiar os banqueiros. Se há uma lição que precisa de ser retida do colapso financeiro é essa.

4:34

Mas o que nós acreditamos, e aquilo que argumentamos no livro, é que nenhum conjunto de regras, não interessa o quão detalhadas não interessa o quão específicas, não interessa o quão cuidadosamente são controladas e reforçadas, não há nenhum conjunto de regras que nos traga o que precisamos. Porquê? Porque os banqueiros são pessoas inteligentes. E, tal como a água, eles descobrirão falhas em qualquer conjunto de regras. Criem um conjunto de regras que assegurará que a particular razão pela qual o sistema financeiro quase colapsou nunca mais aconteça. É inexplicavelmente ingénuo pensar que, ao termos bloqueado a fonte do colapso financeiro, bloqueámos também todas as possíveis fontes de colapso financeiro. É só uma questão de tempo até haver outro e então ficaremos a pensar como é que fomos tão estúpidos ao ponto de não nos protegermos contra isso.

5:31

O que precisamos desesperadamente, para além de ou ao mesmo tempo, de melhores regras e incentivos razoavelmente inteligentes, é de virtude, precisamos de carácter, precisamos de pessoas que querem fazer a coisa acertada. E, em particular, a virtude de que precisamos, acima de tudo, é a virtude a que Aristóteles chamou sabedoria prática. Sabedoria prática é a vontade moral de fazer a coisa acertada e a capacidade moral de distinguir o que a coisa acertada é. Aristóteles mostrava muito interesse em observar como os artesãos à sua volta trabalhavam. E ficou impressionado pelo modo como eles improvisavam soluções novas para novos problemas - problemas que eles não tinham antecipado. Um exemplo: ele viu três pedreiros a trabalhar na Ilha de Lesbos, e eles precisavam de medir colunas circulares. Bem, se pensarem, é muito difícil medir colunas circulares usando uma régua. Então o que é que eles fizeram? Eles desenharam uma nova solução para o problema. Criaram uma régua que se dobra, aquilo que nós chamaríamos nos dias de hoje uma fita métrica - uma régua flexível, uma régua que se dobra. E Aristóteles disse: "Ah, eles apreciavam o facto de que, por vezes, para desenharem colunas circulares, precisavam de dobrar a régua." [bend the rule=dar a volta à regra] E Aristóteles disse que, frequentemente, ao lidarmos com outras pessoas, precisamos de dar a volta às regras.

7:09

Lidar com outras pessoas requer um tipo de flexibilidade que nenhum conjunto de regras consegue alcançar. As pessoas sábias sabem quando e como dar a volta às regras. As pessoas sábias sabem como improvisar. Como explicamos eu e o meu co-autor, Ken, eles são como músicos de jazz, as regras são como as notas na página, e é o que os faz começar, mas a partir daí, dançam à volta das notas na página, conseguindo a combinação certa para aquele momento em particular com aquele conjunto particular de músicos. Por isso, para Aristóteles, o tipo de voltas que se dão às regras, de descoberta de excepções à regra e de improviso que vemos em habilidosos artesãos é precisamente o que precisamos para sermos artesãos morais hábeis. E, na interacção com as pessoas, quase sempre, este é o tipo de flexibilidade que é requerida. Uma pessoa sábia sabe quando dar a volta às regras. Uma pessoa sábia sabe quando improvisar. E, ainda mais importante, uma pessoa sábia improvisa e dá a volta às regras ao serviço dos fins correctos. Se vocês são pessoas que dão a volta às regras e improvisam para, acima de tudo, se servirem a vocês próprios, o que conseguem é a manipulação sem escrúpulos de outras pessoas. Por isso, é importante que façam esta sábia prática ao serviço dos outros e não para se servirem a vocês mesmos. E, por isso, a vontade de fazer a coisa acertada é tão importante quanto a aptidão moral de improviso e de descoberta de excepções. Juntas, elas abrangem a sabedoria prática, que Aristóteles considerava ser a virtude mestre.

8:51

Por isso, vou dar-vos um exemplo de sabedoria prática em acção. É o caso de Michael. Michael é um rapaz jovem. Ele tinha um emprego com um salário bastante baixo. Ele estava a sustentar a sua mulher e uma criança, e a criança ia para uma escola paroquial. Depois ele perdeu o seu emprego. Entrou em pânico por não poder sustentar a sua família. Uma noite, ele bebeu um bocadinho a mais, e roubou um taxista - roubou 50 dólares. E roubou-o apontando-lhe uma arma. Era uma arma de brincar. Ele foi apanhado, foi julgado, e foi condenado. As directrizes das condenações na Pensilvânia requerem uma sentença mínima, para um crime como este, de dois anos, vinte e quatro meses. A juíza neste caso, a Juíza Lois Forer considerou que isto não fazia sentido. Ele nunca tinha cometido um crime antes. Ele era um marido e pai responsável. Ele tinha-se deparado com circunstâncias desesperantes. Tudo o que aquela pena faria seria destruir a família. Por isso, ela improvisou uma sentença de 11 meses. Além disto, ele seria

libertado todos os dias para ir trabalhar. Passaria a noite na prisão e o dia mantendo um emprego. Assim ele fez. Ele cumpriu a sua sentença. Ele fez a restituição e encontrou um novo emprego. E a família ficou unida.

10:17

E parecia em direcção a um tipo de vida decente - uma história com um final feliz envolvendo o imprevisto sábio de uma juíza sábia. Mas aconteceu que o prosecutor [equivalente aos representantes do Ministério Público] não ficou contente que a Juíza Forer tivesse ignorado as directrizes para as sentenças e como que se tivesse criado as suas próprias directrizes, e por isso ele recorreu da decisão. E ele pediu que fosse dada a sentença mínima obrigatória para roubo armado. Ele tinha - apesar de tudo - uma arma de brincar. A sentença mínima obrigatória para roubo armado é de cinco anos. Ele ganhou o recurso. Michael foi condenado a cinco anos de prisão. A Juíza Forer teve de seguir a lei. E, já agora, este recurso chegou após ele ter terminado de cumprir a sua sentença, por isso ele estava a trabalhar e a tomar conta da sua família e ele teve de voltar à prisão. A Juíza Forer fez o que lhe foi requerido, e depois demitiu-se. E o Michael desapareceu. Isto é um exemplo de tanto sabedoria em prática como da subversão da sabedoria por regras que são feitas, claro, para tornar as coisas melhores.

11:38

Ex. ESCOLA:

Agora pensem na Sra. Dewey. A Sra. Dewey é uma **PROFESSORA** numa escola primária no Texas. Ela um dia deu por si a ouvir uma consultora que estava a tentar ajudar os professores a aumentar as notas dos seus alunos para que a escola conseguisse atingir a categoria de elite em termos de percentagem de alunos que passavam os grandes testes. Todas estas escolas no Texas competem umas com as outras para atingirem estes objectivos, e há bónus e muitos outros benefícios que se conseguem se se bater as outras escolas. Este foi o conselho da consultora:

1. em primeiro lugar, não desperdicem o vosso tempo em miúdos que vão passar no teste independentemente do que vocês façam.
2. Em segundo lugar, não desperdice o seu tempo em miúdos que não conseguem passar no teste independentemente do que você faça.
3. Em terceiro lugar, não desperdice o seu tempo em miúdos que acabaram de se mudar para a zona demasiado tarde para que as suas notas sejam consideradas. Concentrem todo o vosso tempo e atenção nos miúdos que estão na bolha, os chamados "miúdos-bolha" - miúdos que, com a vossa intervenção, conseguem talvez ultrapassar a linha entre a reprovação e a aprovação.

A Sra. Dewey ouviu isto, e abanou a sua cabeça em desespero enquanto que os seus colegas se animavam uns aos outros e acenavam afirmativamente com a cabeça. Era como se eles estivessem prestes a começar um jogo de futebol. **Para a Sra. Dewey, não foi por isto que ela se tornou professora.**

13:03

O Ken e eu não somos ingénuos, e percebemos que é necessário haver regras. É preciso haver incentivos. As pessoas precisam de se sustentar. Mas o problema de confiar em regras e

incentivos é que elas desmoralizam a actividade profissional. E elas **desmoralizam a actividade profissional em dois sentidos.**

1. **Primeiro**, elas desmoralizam as pessoas que estão **empenhadas na actividade**. A juíza Forer demite-se, e a **SRA. DEWEY ESTÁ COMPLETAMENTE DESAPONTADA**.
2. E em **segundo** lugar, elas desmoralizam a própria actividade. A própria prática é desmoralizada, e os praticantes são desmoralizados. Isto cria pessoas - quando se manipulam os incentivos para que as pessoas façam a coisa acertada - cria pessoas que são viciadas nos incentivos. Isto é, cria pessoas que fazem as coisas apenas pelos incentivos.

13:55

Agora, o que é alarmante nisto é que os psicólogos sabem isto há 30 anos. Os psicólogos conhecem as consequências negativas de incentivar tudo há 30 anos. Nós sabemos que se **recompensarmos as crianças por desenharem**, elas deixarão de se preocupar com o desenho e preocupar-se-ão apenas com a recompensa. Se recompensarmos as crianças por lerem livros, elas param de se preocupar com o que está nos livros e preocupar-se-ão apenas com a quantidade de páginas que eles têm. Se recompensarem os professores pelos resultados dos seus alunos, eles deixam de se preocupar em educá-los e preocupar-se-ão apenas com a preparação para o teste. Se recompensássemos os médicos por fazer mais intervenções - o que corresponde ao actual sistema - eles fariam mais. Se, ao invés, recompensarmos os médicos por fazerem menos intervenções, eles farão menos. O que nós queremos, claro, é que os médicos façam a quantidade certa de intervenções e que façam a quantidade certa pelas razões certas - nomeadamente, para servir o bem estar dos seus doentes. Os psicólogos sabem isto há décadas, e é tempo que os nossos decisores políticos comecem a prestar atenção. e a ouvir um pouco do que os psicólogos dizem, em vez do que os economistas dizem.

15:03

E não é preciso ser assim. Nós (o Ken e eu) pensamos que há verdadeiras fontes de esperança. Nós identificamos um conjunto de pessoas em todas estas áreas que nós chamados de foragidos (fora-da-lei) perspicazes. São pessoas que, ao serem forçados a operar num sistema que obriga ao seguimento de regras e que cria incentivos, encontra uma forma de as contornar, encontra uma forma de subverter as regras. Então, há professores que têm um guião para seguir, e eles sabem que se eles seguirem estes guiões, os alunos não aprenderão nada. E, por isso, o que eles fazem é seguir os guiões, mas eles seguem os guiões mais rapidamente e guardam pequenos pedaços de tempo extra durante os quais eles ensinam da forma que eles sabem ser eficaz. Por isso, estes são pequenos heróis quotidianos, e eles são incrivelmente admiráveis, mas não há forma de eles conseguirem manter este tipo de actividade à frente de um sistema que ou os tira do caminho ou os esmaga.

16:01

Por isso os foragidos perspicazes são melhores do que nada, mas é difícil imaginar qualquer foragido perspicaz que sobreviva durante um tempo indefinido. Mais esperança trazem-nos as pessoas a que chamamos reformadores do sistema. São pessoas que estão a pensar não em contornar as regras e regulações do sistema, mas em transformar o sistema, e nós falamos em várias. Uma em particular é um juiz chamado Robert Russell. E um dia ele foi confrontado com o caso de Gary Pettengill. Pettengill era um veterano de 23 anos que tinha planeado seguir uma carreira no exército, mas que sofreu ferimentos graves nas costas no Iraque, que o forçaram a ficar de baixa médica. Ele era casado, e tinha um terceiro filho a caminho, ele sofria de stress

pós-traumático, além das costas, e de pesadelos recorrentes, e tinha começado a usar marijuana para aliviar alguns dos sintomas. Ele conseguiu apenas um trabalho em part-time por causa das suas costas e por isso ele era incapaz de ganhar o suficiente para pôr comida na mesa e cuidar da sua família. Por isso ele começou a vender marijuana. Ele foi apanhado numa operação policial. A sua família foi expulsa do apartamento onde vivia, e a segurança social estava a ameaçar retirar os seus filhos da sua guarda.

17:13

De acordo com os procedimentos normais das sentenças, o Juiz Russel não teria grande escolha se não condenar Pettengill a uma séria pena de prisão como traficante de droga. Mas o Juiz tinha uma alternativa. E tinha uma alternativa porque estava num tribunal especial. Ele estava num tribunal chamado o Tribunal dos Veteranos [Veteran's Court]. No Tribunal dos Veteranos - este foi o primeiro desta espécie nos Estados Unidos. O Juiz Russell criou o Tribunal dos Veteranos. Era um tribunal apenas para veteranos que tinham violado a lei. E ele criou-o exactamente porque as leis de sentenças obrigatórias estavam a desvirtuar os julgamentos. Ninguém queria criminosos não violentos - e especialmente criminosos não violentos que eram veteranos - a ser enviados para a prisão. Ele queria fazer alguma coisa sobre aquilo que todos conhecemos, nomeadamente, a porta giratória do sistema de justiça penal. E o que o Tribunal dos Veteranos fez foi tratar cada criminoso como um indivíduo, tentando compreender os seus problemas, tentando desenhar respostas para os seus crimes, que os ajudariam a reabilitarem-se, e que não se esquecesse deles uma vez terminado o julgamento. Acompanhá-los-ia, seguiria os seus passos, certificando-se que cumpririam o plano que tinha sido desenhado conjuntamente para atravessarem o obstáculo.

18:30

Existem actualmente 22 cidades que têm Tribunais de Veteranos como este. Porque é que a ideia se espalhou? Bem, uma das razões é porque o Juiz Russell já viu 108 veteranos no seu Tribunal de Veteranos desde Fevereiro deste ano, e dos 108, adivinhem quantos deles voltaram a porta giratória da justiça para entrar na prisão. Nenhum. Nenhum. Qualquer pessoa agarraria um sistema de justiça criminal com este tipo de recorde. Aqui está um sistema de mudança, que parece ser um exemplo a seguir.

19:07

Há um banqueiro que criou um banco comunitário com fins lucrativos que encorajava os banqueiros - eu sei que isto é difícil de acreditar - encorajava os banqueiros que trabalhavam lá a fazer o bem ajudando os seus clientes de baixos rendimentos. O banco ajudou a financiar a reconstrução daquilo que de outra forma seria uma comunidade a morrer. Embora os devedores fossem de alto risco, de acordo com os padrões comuns, os juros eram extremamente baixos. O banco era lucrativo. Os banqueiros acompanhavam os destinatários dos empréstimos. Eles não faziam empréstimos e depois vendiam-nos. Eles serviam os empréstimos. Eles certificavam-se que os recipientes dos empréstimos cumpriam com as suas obrigações. A banca nem sempre foi aquilo que lemos hoje nos jornais. Até a Goldman Sachs costumava servir os seus clientes, antes de se tornar uma instituição que apenas se serve a si mesma. A banca nem sempre foi assim, e não tem de ser assim.

20:10

Há exemplos destes na área da Medicina - médicos de Harvard que estão a tentar transformar a educação médica, para que não haja uma espécie de erosão ética e perda de empatia, que caracteriza a maioria dos estudantes de Medicina durante a sua formação. E eles fazem isto

dando aos estudantes de medicina do 3º ano doentes que eles seguem durante o ano inteiro. Por isso os doentes não são órgãos do sistema, e não são doenças; são pessoas, pessoas com vidas. E de forma a ser um médico eficaz, é preciso tratar pessoas que têm vidas e não apenas uma doença. Além disto, há uma enorme quantidade de idas e vindas, orientação de um aluno por outro, de todos os estudantes pelos médicos, e o resultado é uma geração - esperamos - de médicos que têm tempo para as pessoas que cuidam. Veremos.

20:56

Por isso há imensos exemplos como este de que falámos. Todos eles mostram que é possível construir e nutrir carácter e manter uma profissão fiel à sua verdadeira missão - o que Aristóteles teria chamado o seu telos (objectivo) adequado. E o Ken e eu acreditamos que é isto que os praticantes querem verdadeiramente. As pessoas querem poder ser virtuosas. Elas querem ter a autorização para fazer a coisa acertada. Elas não se querem sentir como se precisassem de tomar um duche para tirar a sujeira da moral dos seus corpos todos os dias quando regressam do seu trabalho.

21:34

Aristóteles pensava que a sabedoria prática era a chave da felicidade, e ele estava certo. Há actualmente muita investigação a ser feita em Psicologia sobre o que faz as pessoas felizes, e as duas coisas que sobressaem em todos os estudos - eu sei que isto será um choque para todos vós - as duas coisas que são mais importantes para a felicidade são o amor e o trabalho. Amor: gerir com sucesso as relações com as pessoas que nos são próximas e com as comunidades de que somos parte. Trabalho: participar em actividades significativas e gratificantes. Se tivermos isto, boas e íntimas relações com outras pessoas, trabalho que tem significado e que nos completa, não precisamos muito de mais nada.

22:20

Bem, para amar bem e para trabalhar bem, precisamos de sabedoria. As regras e os incentivos não nos dizem como ser um bom amigo, como ser um bom pai, como ser um bom/boa esposo/a, ou como ser um bom médico ou um bom advogado ou um bom professor. Regras e incentivos não são substitutos para a sabedoria. Com efeito, argumentamos, não existe substituto para a sabedoria. E, por isso, a sabedoria prática não requer actos heróicos de sacrifício próprio da parte dos praticantes. Ao dar-nos a vontade e a aptidão de fazer a coisa acertada - de fazer o que está certo pelos outros - a sabedoria prática dá-nos também a vontade e a aptidão de fazer o que está certo por nós mesmos.

23:07

Obrigado.

23:09

(Aplausos)

VÍDEO 2: "CONFIANÇA, MORAL E OCITOCINA"



Haverá algo de único nos seres humanos? Há. Somos as únicas criaturas com sentimentos morais completamente desenvolvidos. Somos obcecados com a moralidade, enquanto criaturas sociais. Precisamos de saber porque estão as pessoas a fazer o que estão a fazer. E eu, pessoalmente, estou obcecado com a moralidade. Foi tudo devido a esta mulher, A Irmã Mary Marastela, também conhecida por minha mãe. Como acólito, respirei muito incenso, e aprendi a dizer frases em Latim,

mas também tive tempo para pensar sobre se a moralidade vinda de cima da minha mãe se aplicava a toda a gente. Pude ver que as pessoas religiosas e não religiosas eram igualmente obcecadas com a moralidade. Pensava, talvez haja alguma base mundana para as decisões morais. Mas queria ir mais longe do que dizer que os nossos cérebros fazem-nos morais. Queria saber se existe uma química da moralidade. Queria saber se existe uma molécula moral.

1:08

Depois de 10 anos de experiências, descobri-a. Gostariam de a ver? Trouxe um pouco comigo. Esta pequena seringa contém a molécula moral. (Risos) Chama-se oxitocina. Então a oxitocina é uma molécula simples e antiga que se encontra apenas nos mamíferos. Nos roedores, era conhecida por fazer as mães tomar conta da sua prole, e em algumas criaturas, por permitir que fossem tolerados os parceiros de toca. Mas nos humanos, era apenas conhecida por facilitar o parto e a amamentação nas mulheres e ser libertada por ambos os sexos durante o sexo.

1:53

Por isso eu tinha esta ideia de que a oxitocina poderia ser a molécula moral. Fiz o que a maioria de nós faz -- experimentei-a em alguns colegas. Um deles disse-me, "Paul, essa é a ideia mais estúpida do mundo. É," disse, "apenas uma molécula feminina. Não pode ser assim tão importante." Mas eu contrapus, "Bem, os cérebros masculinos também a produzem. Deve haver uma razão para isso." Mas ele tinha razão, era uma ideia estúpida. Mas era testavelmente estúpida. Por outras palavras, pensei que poderia conceber uma experiência para ver se a oxitocina fazia as pessoas morais.

2:25

Acontece que não era assim tão fácil. Antes de mais, a oxitocina é uma molécula tímida. Os níveis basais são próximos de zero, sem algum estímulo que provoque a sua libertação. E quando é produzida, tem uma meia-vida de três minutos, e decai rapidamente à temperatura ambiente. Por isso esta experiência teria de provocar um surto de oxitocina, teria de a recolher rapidamente e preservá-la no frio. Penso que consigo fazer isso. Ora, por sorte, a oxitocina é produzida quer no cérebro quer no sangue, por isso eu pude fazer esta experiência sem aprender neurocirurgia. Depois tinha de medir a moralidade.

2:58

Ora, atirar-me à Moralidade com M grande é um projecto imenso. Por isso comecei por baixo. Estudei uma única virtude: a confiabilidade. Porquê? Tinha mostrado no início dos anos 2000 que os países com maior proporção de pessoas confiáveis são mais prósperos. Por isso nesses países, ocorrem mais transacções económicas e mais riqueza é criada, aliviando a pobreza. Por isso os países pobres são, de longe, países de pouca confiança. Por isso, se eu compreendia a química da confiabilidade, eu poderia ajudar a aliviar a pobreza.

3:31

Mas eu sou também um céptico. Não quero simplesmente perguntar às pessoas, "És de confiança?" Em vez disso uso a abordagem Jerry Maguire à pesquisa. Se és assim tão virtuoso, mostra-me o dinheiro. Então o que fazemos no meu laboratório é tentar as pessoas com virtude e vício usando dinheiro. Deixem-me mostrar-vos como o fazemos. Então, recrutamos algumas pessoas para uma experiência. Todos recebem 10 dólares se concordarem em aparecer. Damos-lhes imensas instruções, e nunca, nunca as enganamos. Depois, juntamo-las aos pares, por computador. E naquele par, uma pessoa recebe uma mensagem que diz, "Queres dar uma parte dos 10 dólares que ganhaste por estar aqui e enviá-lo a outra pessoa no laboratório?" O truque é que não os consegues ver, não consegues falar com eles. Apenas o fazes uma vez. Seja qual for a quantia que dás, é triplicada na conta da outra pessoa. Vais torná-los muito mais ricos. E eles recebem uma mensagem por computador que diz pessoa um enviou esta quantia de dinheiro. Queres ficar com tudo, ou queres enviar algum?

4:30

Então, pensem nesta experiência por um minuto. Irão ficar sentados nestas cadeiras duras por uma hora e meia. Um cientista maluco qualquer vai picar o vosso braço com uma agulha e tirar quatro tubos de sangue. E agora querem que desistam do vosso dinheiro e o entreguem a um estranho? Então, isto foi o nascimento da economia vampiro. Toma uma decisão e dá-me algum sangue.

4:48

Ora, de facto, economistas experimentais tinham feito este teste em todo o mundo, e com quantias muito maiores, e a ideia consensual era que a medida da primeira pessoa para a segunda era uma medida de confiança, e a transferência da segunda para a primeira media a confiabilidade. Mas, de facto, os economistas ficaram desconcertados, quanto à razão de a segunda pessoa devolver dinheiro. Partiram do princípio que, se o dinheiro é bom, porque não ficar com ele todo?

5:13

Não foi isso que descobrimos. Descobrimos que 90% dos primeiros decisores enviaram dinheiro, e daqueles que receberam dinheiro, 95% devolveram algum. Mas porquê? Bem, ao medir a oxitocina descobrimos que quanto mais dinheiro a segunda pessoa recebia, mais o seu cérebro produzia oxitocina, e quanto mais oxitocina a bordo, mais dinheiro a pessoa devolvia. Por isso temos uma biologia da confiabilidade.

5:38

Mas esperem. O que está errado nesta experiência? Duas coisas. Uma é que nada no corpo acontece de forma isolada. Por isso medimos outras nove moléculas que interagem com a oxitocina, mas não tiveram qualquer efeito. Mas a segunda é que eu ainda só tinha esta relação indirecta entre a oxitocina e a confiabilidade. Não tinha a certeza que a oxitocina provocava a confiabilidade. Por isso para fazer a experiência, sabia que tinha de ir até ao cérebro e manipular a oxitocina directamente. Usei tudo menos uma broca para introduzir oxitocina no meu próprio cérebro. E descobri que o conseguia fazer com um inalador nasal. Por isso, juntamente com colegas em Zurique, pusemos 200 homens a tomar oxitocina ou placebo, naquele mesmo teste de confiança com dinheiro, e descobrimos que os que tomavam oxitocina não só mostravam mais confiança, conseguimos mais do que duplicar o número de pessoas que enviam todo o seu dinheiro a um estranho -- tudo sem alterar humor ou cognição.

6:34

Então a oxitocina é a molécula da confiança, mas será a molécula moral? Usando o inalador de oxitocina, fizemos mais estudos. Mostrámos que a infusão de oxitocina aumenta a generosidade em transferências monetárias unilaterais em 80 por cento. Mostrámos que aumenta os donativos para a caridade em 50 por cento. Também investigámos formas não farmacológicas de aumentar a oxitocina. Que incluem massagens, dança e orações. Sim, a minha mãe ficou feliz por saber da última. E sempre que aumentámos a oxitocina, as pessoas abriram as suas carteiras voluntariamente e partilharam dinheiro com estranhos.

7:14

Mas porque é que fazem isso? O que é que sentem quando o cérebro é inundado de oxitocina? Para investigar esta questão, fizemos uma experiência em que as pessoas viam um vídeo de um pai e do seu filho de quatro anos, e o seu filho tem cancro terminal no cérebro. Depois de verem o vídeo, eles avaliaram as suas emoções e deram amostras de sangue antes e depois para medir a oxitocina. A mudança na oxitocina previu as suas emoções de empatia. Por isso é a empatia que nos liga às outras pessoas. É a empatia que nos faz ajudar as outras pessoas. É a empatia que nos faz morais.

7:52

Ora, esta ideia não é nova. Um, então desconhecido, filósofo chamado Adam Smith escreveu um livro em 1759 chamado "Teoria dos sentimentos morais." Neste livro, Smith argumentava que somos criaturas morais, não por causa de uma razão que vem de cima, mas por causa de uma razão que vem de baixo. Disse que somos criaturas sociais, por isso partilhamos as emoções dos outros. Por isso se eu fizer algo que te magoa, sinto essa dor. Por isso tendo a evitá-lo. Se eu fizer algo que te faz feliz, tenho a oportunidade de partilhar a tua alegria. Por isso tendo a fazer essas coisas. Ora, este é o mesmo Adam Smith que, 17 anos mais tarde, escreveria um pequeno livro chamado "A Riqueza das Nações" -- o documento fundador da economia. Mas ele era, de facto, um filósofo moral, e ele estava certo quanto à razão por que somos morais. Eu apenas descobri a molécula por detrás disso. Mas conhecer a molécula é valioso, porque nos diz como trazer ao de cima este comportamento e o que o faz desaparecer. Em particular, diz-nos porque vemos imoralidade.

8:50

Por isso, para investigar a imoralidade, deixem-me agora levá-los até 1980. Estou a trabalhar numa estação de gasolina à saída de Santa Barbara, na Califórnia. Ficando parado numa estação de gasolina o dia inteiro, vê-se imensa moralidade e imoralidade, deixem-me dizer-vos. Então, num domingo solarengo, um homem entra na minha cabine de pagamento com uma bela caixa de jóias. Abre-a e lá dentro está um colar de pérolas. E diz, "Estive na casa-de-banho dos homens. E encontrei isto. O que achas que devemos fazer com isto?" "Não sei, é pôr nos perdidos e achados." "Bem, isto é muito valioso. Temos de encontrar o dono disto". Disse eu, "Sim."

9:21

Então, estamos a tentar decidir o que fazer com aquilo, e o telefone toca. E diz um homem, muito nervoso, "Estive na vossa estação de gasolina há pouco e comprei uma jóia para a minha mulher, e não a consigo encontrar." E eu disse, "Colar de pérolas?" "Sim." "Ei, um tipo acabou de o encontrar." "Oh, salvou-me a vida. Aqui está o meu número de telefone. Diga a esse tipo para esperar meia-hora. Vou aí e dou-lhe uma recompensa de 200 dólares." Excelente, então eu digo ao tipo, "Olha, tranquilo. Conseguiste uma bela recompensa. A vida é bela." Ele disse, "Não pode ser. Tenho uma entrevista de emprego em Galena daqui a 15 minutos, e preciso deste

emprego, tenho de ir." Perguntou-me de novo, "O que achas que devemos fazer?" Eu ando no liceu. Não faço ideia. Então disse. "Eu guardo-a por si." Ele disse, "Sabes, foste tão porreiro, vamos dividir a recompensa." Dou-te a jóia, dá-me 100 dólares, e quando o tipo vier..."

10:07

Estão a ver. Fui enganado. Ora isto é um conto do vigário clássico, chamado "pigeon drop", e eu fui o "pigeon" (pombo). Então a forma como muitos contos do vigário funcionam não é que o vigarista consiga que a vítima confie nele, é que ele mostra confiar na vítima. Bem, sabemos o que aconteceu. O cérebro da vítima liberta oxitocina, e estamos a abrir a carteira, oferecendo dinheiro.

10:29

Então quem são estas pessoas que manipulam os nossos sistemas de oxitocina? Descobrimos, testando milhares de indivíduos, que cinco por cento da população não liberta oxitocina quando estimulada. Por isso, se confiarem neles, os seus cérebros não libertam oxitocina. Se houver dinheiro na mesa, eles ficam com ele todo. No meu laboratório, existe uma palavra técnica para estas pessoas. Chamamos-lhes sacanas. (Risos) Estas não são pessoas com quem queremos beber uma cerveja. Têm muitos dos atributos dos psicopatas.

11:02

Ora, há outras formas de o sistema ser inibido. Uma é através de cuidados afectivos inadequados. Estudámos mulheres abusadas sexualmente, e cerca de metade não libertam oxitocina quando estimuladas. Precisamos de cuidados afectivos suficientes para este sistema se desenvolver devidamente. Além disso, o stress elevado inibe a oxitocina. Todos nós sabemos isto, quando estamos mesmo muito stressados, não estamos a agir no nosso melhor.

11:25

Há outra forma de a oxitocina ser inibida, que é interessante -- através da acção da testosterona. Em experiências, administrámos testosterona a homens. E em vez de partilharem dinheiro, eles tornaram-se egoístas. Mas, é interessante, os homens com níveis altos de testosterona também são mais susceptíveis de usar o seu próprio dinheiro para punir os outros por serem egoístas. (Risos) Agora pensem nisto. Significa que, dentro na nossa biologia, temos o yin e o yang da moralidade. Temos a oxitocina que nos liga aos outros, que nos faz sentir o que eles sentem. E temos a testosterona. E os homens têm 10 vezes mais testosterona que as mulheres, por isso os homens fazem isto mais que as mulheres -- temos testosterona que nos faz querer punir as pessoas que se comportam imoralmente. Não precisamos de Deus ou do governo para nos dizer o que fazer. Está tudo dentro de nós.

12:14

Talvez se perguntem: estas são belas experiências de laboratório, será que realmente se aplicam à vida real? Pois, também me tenho preocupado com isso. Por isso tenho saído do laboratório para ver se isto realmente tem aplicação na nossa vida quotidiana. No verão passado, fui a um casamento no Sul de Inglaterra. 200 pessoas numa bela mansão victoriana. Não conhecia uma única pessoa. E conduzi até lá no meu Vauxhall alugado. E tirei um centrifugador e gelo seco e agulhas e tubos. E recolhi sangue da noiva e do noivo e dos convidados e da família e dos amigos antes e imediatamente a seguir aos votos.

12:46

(Risos)

12:48

E adivinhem? O casamento provocou uma libertação de oxitocina, mas fê-lo de uma forma muito particular. Quem é o centro do sistema solar do casamento? A noiva. Ela teve o maior aumento de oxitocina. Quem ama o casamento quase tanto como a noiva? A sua mãe, está certo. A sua mãe foi o número dois. A seguir o pai do noivo, depois o noivo, depois a família, depois os amigos -- dispostos à volta da noiva como planetas à volta do Sol. Penso que isso nos diz que concebemos este ritual para nos ligar a este novo casal, para nos ligar emocionalmente. Porquê? Porque precisamos que eles tenham sucesso na reprodução para perpetuar a espécie.

13:29

Também estava preocupado que as minhas experiência com a confiança com pequenas quantias de dinheiro não captassem realmente quão frequentemente nós realmente confiamos as nossas vidas a estranhos. Então, embora eu tenha medo das alturas, recentemente amarrei-me a outro ser humano e saí de um avião a 12.000 pés. Recolhi amostras do meu sangue antes e depois, e tive um enorme pico de oxitocina. E há tantas formas de nos ligarmos às pessoas. Por exemplo através dos media sociais. Muitas pessoas estão a tuítar neste preciso momento. Nós investigámos o papel dos media sociais e descobrimos que usar os media sociais produzia um sólido aumento de dois dígitos na oxitocina.

14:02

Fiz esta experiência recentemente para a Korean Broadcasting System. E participaram os repórteres e os produtores. E um deles, devia ter uns 22 anos, teve um pico de oxitocina de 150 por cento. Quer dizer, espantoso; ninguém tinha tanto. Ele estava a usar media sociais em privado. Quando escrevi o meu relatório para os coreanos, disse, "olhem, não sei o que este tipo estava a fazer," mas o meu palpite era que estava a interagir com a mãe ou a namorada. Eles verificaram. Ele estava a interagir com a página do Facebook da sua namorada. Aí está. Isso é ligação. Então existem montes de formas de nos ligarmos às outras pessoas, e isso parece ser universal.

14:37

Há duas semanas, tinha acabado de voltar da Papua Nova Guiné onde tinha subido aos planaltos -- tribos muito isoladas de agricultores de subsistência vivendo como vivem há milénios. Há 800 línguas diferentes nos planaltos. Estes são os povos mais primitivos do mundo. E de facto também libertam oxitocina.

14:58

Então a oxitocina liga-nos às outras pessoas. A oxitocina faz-nos sentir o que os outros sentem. E é tão fácil fazer com que os cérebros das pessoas libertem oxitocina. Sei como fazê-lo, e a minha maneira favorita de o fazer é, de facto, a mais fácil. Deixem-me mostrar-vos. Vem cá. Dá-me um abraço. (Risos) Pronto.

15:26

(Aplausos)

15:35

A minha inclinação para abraçar outras pessoas valeu-me a alcunha Dr. Amor. Fico feliz em partilhar um pouco de amor no mundo, é ótimo, mas aqui fica a receita do Dr. Amor: oito abraços por dia. Descobrimos que as pessoas que libertam mais oxitocina são mais felizes. E são mais felizes porque têm melhores relacionamentos de todos os tipos. O Dr. Amor recomenda oito abraços por dia. Oito abraços por dia -- serão mais felizes e o mundo será um lugar melhor. Claro, se não gostam de tocar nas pessoas, posso sempre esfregar isto na vossa cara.

16:07

(Risos)

16:09

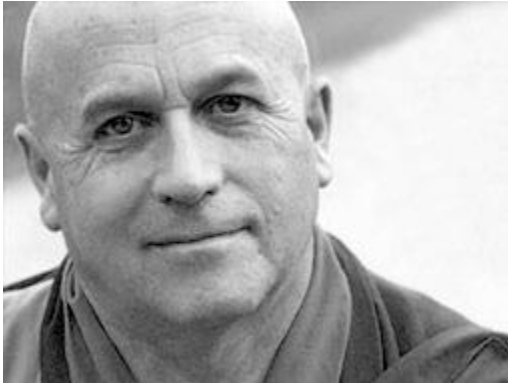
Obrigado.

16:11

(Aplausos)

VÍDEO 3: "HÁBITOS DE FELICIDADE"

0:11



Suponho que seja uma consequência da globalização que possamos encontrar latas de Coca-Cola no topo do Everest e monges budistas em Monterey. (Risos) Cheguei dos Himalaias há dois dias atrás em resposta ao vosso generoso convite e gostaria de vos convidar, por uns instantes, para os próprios Himalaias. E mostrar-vos os locais onde praticantes da meditação, como eu, que comecei por ser um biólogo molecular no Instituto Pasteur, encontraram o seu caminho para

as montanhas.

0:51

Estas são algumas imagens que eu tive o privilégio de fotografar pessoalmente. Eis o Monte Kailash no Tibete Oriental - um cenário fantástico. Esta é do país Marlboro. (Risos) Este é o Lago Turquesa. Um praticante da meditação. Esta foi tirada no dia mais quente do ano, 1 de Agosto, algures no Tibete Oriental. Na noite anterior acampámos e os meus amigos Tibetanos disseram: "Vamos dormir no exterior." E eu disse: "Porquê? Temos espaço na tenda!" Eles responderam: "Sim, mas estamos no Verão." (Risos)

1:36

Vamos então falar sobre a felicidade. Enquanto francês, devo dizer que há muitos intelectuais franceses que consideram que o tema da felicidade é absolutamente desinteressante. (Risos) Escrevi, há pouco tempo, um ensaio sobre a felicidade que gerou alguma controvérsia. Alguém escreveu um artigo onde dizia: não nos imponham o palavrão ordinário FELICIDADE. (Risos) Não estamos preocupados em ser felizes. Precisamos viver com paixão. Gostamos dos altos e baixos da vida. Gostamos do nosso sofrimento porque é muito bom quando ele cessa por alguns instantes. (Risos)

2:12

Esta é a vista da varanda da minha ermida nos Himalaias. Tem cerca de 2 metros por 3 e todos vós são bem-vindos. (Risos)

2:22

Voltemos então ao tema da felicidade, ou bem-estar. Primeiro, vocês sabem-no, apesar do que os intelectuais franceses possam dizer, que, aparentemente, ninguém se levanta de manhã e a pensar: "Possa eu sofrer o dia inteiro." (Risos) O que significa que de alguma forma - conscientemente ou não, directa ou indirectamente, a curto ou longo prazo, seja o que for que façamos, esperemos ou sonhemos - de alguma forma está relacionado com um desejo profundo de bem-estar e felicidade. Como disse Pascal, mesmo aquele que se enforca, procura a cessação

do sofrimento - simplesmente não encontrou outra forma. Mas, se procurarem na literatura, Oriental ou Ocidental, encontrarão uma incrível diversidade de definições de felicidade. Uns afirmam, apenas acredito em lembrar o passado, e imaginar o futuro... nunca o presente. Outros dizem: a felicidade é agora; é a qualidade de vivacidade do momento presente. Isto levou Henri Bergson, o filósofo francês, a dizer: "Todos os grandes pensadores da humanidade deixaram a felicidade na imprecisão... assim, podiam definir - cada um deles pôde defini-la nos seu próprios termos."

3:45

Bom, isso estaria muito bem se esta fosse apenas uma preocupação secundária da vida. Mas, se há alguma coisa que determina a qualidade de cada instante da nossa vida, então é melhor sabermos de que se trata, ter uma ideia clara. E provavelmente, o facto de que não sabemos de que se trata é a razão porque, tão frequentemente apesar de buscarmos a felicidade, parece que lhe viramos as costas. Apesar de queremos evitar o sofrimento, parece que nos precipitamos na sua direcção. E isso pode resultar de algumas confusões.

4:19

Uma das mais comuns é a confusão entre felicidade e prazer. Mas, se olharmos para as características de ambos, o prazer está na contigência do tempo, de um objecto ou de um lugar. É algo cuja natureza se altera. Um belo bolo de chocolate: a primeira fatia é deliciosa, a segunda já não tanto e então enjoamos. (Risos) É esta a natureza das coisas: cansamo-nos delas. Costumava ser um fan de Bach. Costumava tocar as suas composições numa viola... vocês sabem. Posso ouvi-lo duas, três, cinco vezes. Mas, se ter de o ouvir 24 horas sem parar, pode ser muito cansativo. Se sentirmos muito frio aproximamo-nos do fogo, e é maravilhoso. Então, passados alguns instantes, afastamo-nos um pouco, e passado mais algum tempo o fogo queima-nos. Parece que se gasta à medida que o experienciamos. E também, de novo, pode - é algo que vós - não é algo que irradie de fora. Como... podemos sentir um prazer intenso e alguns dos que nos rodeiam podem estar a sofrer imenso.

5:31

Então, que se passa, haverá felicidade? E felicidade é uma palavra tão vaga. Vamos antes falar de bem-estar. E então, eu penso que a melhor definição, segundo a perspectiva budista, é que o bem-estar não é apenas uma mera sensação de prazer. É um sentimento profundo de serenidade e realização, um estado que efectivamente impregna e subjaze a todos os estados emocionais e a todos as alegria e tristezas que cruzam o nosso caminho. Para vós, isto pode ser surpreendente. Podemos sentir este estado de bem-estar enquanto, digamos, estamos tristes? De certa forma, por que não? Porque estamos a falar de um nível diferente.

6:26

Olhem as ondas que dão à costa. Quando estamos no fundo da onda, tocamos o fundo. Chocamos contra rocha sólida. Quando surfamos no topo, sentimo-nos extasiados. Então, vamos do êxtase à depressão, não há qualquer profundidade. Mas se olharmos, o mar alto pode ser belo o oceano calmo como um espelho. Talvez surjam tempestades, mas o oceano profundo mantêm-se lá, quieto e inalterado. Então, o que é isso? Só pode se uma maneira de estar, não apenas uma emoção fugaz, uma sensação. Até mesmo a alegria, que pode ser a fonte da felicidade. Mas também podemos sentir uma alegria perversa. Podemos regozijarmo-nos com o sofrimento alheio.

7:12

Então como prosseguimos na nossa busca pela felicidade? Frequentemente olhamos para o exterior. Pensamos que se conseguirmos isto e aquilo, todas as condições, qualquer coisa que dizemos, tudo para ser feliz. Ter tudo para sermos felizes. Esta frase revela por si o destino de destruição da felicidade. Ter tudo. Se falharmos algo, tudo colapsa. E também, quando as coisas correm mal tentamos tanto remediar o exterior, mas o controlo que temos do mundo exterior é limitado, temporário e, frequentemente, ilusório. Mas, observemos as condições interiores. Não serão elas mais fortes? Não é a mente que traduz as condições exteriores em felicidade e sofrimento? E isso não é mais forte? Sabemos, por experiência, que podemos estar no que chamamos o pequeno paraíso e contudo, estarmos completamente infelizes.

8:15

O Dalai Lama esteve uma vez em Portugal e havia muitas construções por todo o lado. Então, num fim de tarde ele disse: "Reparem, estão a construir todas estas coisas, mas não seria interessante, que também construíssemos algo no interior de cada um de nós?" E continuou: "Se assim não for, mesmo que estejamos num apartamento high-tech no centésimo andar de um, super moderno e confortável edifício, se estivermos, interiormente, profundamente infelizes tudo o que vamos procurar é uma janela da qual possamos saltar." Mas pensemos no oposto. Conhecemos muitas pessoas que se encontram em circunstâncias difíceis e que, no entanto, conseguem manter a serenidade, a força, a liberdade interior... a confiança. Então, se as condições interiores são mais fortes - claro que as condições exteriores têm influência, e é maravilhoso ter uma vida longa e saudável, ter acesso à informação, à educação e a possibilidade de viajar, ser livre é extremamente desejável. Contudo, não chega; Estas são apenas condições auxiliares. A experiência que tudo traduz está na mente. Assim, quando nos perguntamos como nutrir as condições para sermos felizes, as condições interiores, e quais são as que irão minar a felicidade. Para isso precisamos de alguma experiência.

9:39

Temos de saber, através de nós mesmos, que existem determinados estados mentais que conduzem a este florescimento, a este bem-estar. aquilo a que os Gregos antigos apelidavam de eudaimonia, floresce. Há alguns [estados mentais] que são adversos a este bem estar. E se procurarmos na nossa experiência - a ira, o ódio, a inveja, a arrogância, o desejo obsessivo, um forte apêgo - não nos deixam em muito bom estado depois de os experienciarmos. E também deterioram a felicidade dos outros. Assim, podemos considerar que quanto mais estes sentimentos invadem a nossa mente, e, como uma reacção em cadeia, mais miseráveis e atormentados nos sentimos. No lado oposto, todos nós sabemos bem cá dentro, que os actos, desinteressados, de altruísmo e generosidade, se feitos à distância, sem que ninguém saiba nada sobre eles, podemos salvar a vida de uma criança ou fazer alguém feliz. Não necessitamos de reconhecimento. Não necessitamos de gratidão. Apenas o mero facto de o fazer, enche a nossa natureza mais profunda de um sentimento de adequação. E gostaríamos de ser assim o tempo todo.

10:55

Mas será possível mudar a nossa maneira de estar, transformar a nossa mente? E as emoções negativas e destrutivas inerentes à natureza da mente? Será possível a mudança das nossas emoções, das nossas características e do nosso estado de espírito? Para tal temos de perguntar: qual é a natureza da mente? E se observamos do ponto de vista experiencial, encontramos uma qualidade primária de consciência, que é apenas o mero facto de sermos cognitivos e conscientes. A consciência é como um espelho que permite que todas as imagens surjam em si.

Podemos ter uma cara bonita ou uma cara feia. O espelho permite isso, mas o espelho não fica defeituoso, não é modificado, não se altera por causa dessas imagens. Da mesma forma, por detrás de cada pensamento existe uma consciência despida, um conhecimento puro. Esta é a natureza da mente. Não pode ser intrinsecamente alterada por ódio ou inveja, porque sempre esteve lá - como um corante que permeia todo o tecido de uma peça de roupa - pronta a ser encontrada a qualquer altura em qualquer lugar. Sabemos que não estamos constantemente zangados, nem constantemente invejosos, nem constantemente generosos.

12:12

Então, porque o tecido fundamental da consciência é a qualidade cognitiva pura que a diferencia de uma pedra, há uma possibilidade de mudança porque todas as emoções são efémeras e transitórias. Este é o substrato para o treino da mente. O treino da mente é baseado na ideia que dois factores mentais opostos não podem ocorrer em simultâneo. Podemos ir do amor ao ódio. Mas não ao mesmo tempo e em relação ao mesmo objecto, ou à mesma pessoa que queremos magoar ou ajudar. Não podemos, como o mesmo gesto, dar um aperto de mão e um golpe. Assim, existem antídotos naturais para as emoções destrutivas do nosso bem-estar interior. É esta a forma de proceder. Regozijo comparado com inveja. Uma espécie de sensação de liberdade interior que se opõe ao apêgo intenso e à obsessão. Benevolência e compaixão contra o ódio. Mas é claro, que cada emoção necessitaria do seu antídoto.

13:17

Outra forma é tentar encontrar um antídoto geral para todas as emoções, e isso consegue-se observando a sua natureza. Normalmente, quando nos sentimos incomodados, com raiva ou aborrecidos com alguém, ou obcecados com algo, a mente foca-se, repetidamente, nesse objecto. Cada vez que se torna a focar no objecto, fortalece essa obsessão ou esse incómodo. Trata-se, então, de um processo auto-perpetuado. Assim, o que precisamos fazer é olhar para o interior em vez de olharmos para o exterior. Observar a própria raiva; parece muito ameaçadora, como uma nuvem de monção ou de trovoada. A nuvem parece sólida ao ponto de pensarmos que nos podemos sentar nela, mas se chegarmos perto vemos que é apenas humidade. Da mesma forma, se observamos o pensamento de raiva, este dissipa-se como a geada ao sol da manhã. Se fizermos isto repetidamente, a propensão, e a tendência para que a raiva surja de novo serão cada vez menores de cada vez que a dissolvermos. E, no final, mesmo que possa surgir, apenas atravessa a nossa mente, como um pássaro a cruzar o céu sem deixar qualquer traço. É este o principal aspecto do treino da mente.

14:29

No entanto, leva tempo porque - também levou tempo para que todos aqueles defeitos na nossa mente, as tendências, se formassem, por isso também é preciso tempo para os desvendar. Mas é a única forma de o conseguir. A transformação da mente, é esse o único significado da meditação. Significa familiarização com uma nova forma de ser, uma nova forma de perceber as coisas que está em maior adequação com a realidade, com a interdependência, com o fluxo e a transformação contínua que são o nosso ser e a nossa consciência.

15:03

Então, a interface com as ciências cognitivas. Como temos de ir a esse assunto, e era, suponho, o tema - temos de o abordar em tão pouco tempo. Com plasticidade cerebral - pensava-se que o cérebro era mais ou menos fixo. Todas as ligações nominais, em número e quantidade, pensava-se - até aos últimos vinte anos, serem mais ou menos fixas quando se atingia a idade adulta. Mas, recentemente, percebeu-se que mudam muito. Num violinista, conforme ouvimos

dizer, que tenha 10 000 horas de prática, algumas áreas do cérebro que controlam os movimentos dos dedos mudam muito, aumentando o reforço das ligações sinápticas. E será que podemos fazer o mesmo com as qualidades humanas? Com a compaixão, a paciência e a abertura?

15:48

É isso que estes grandes praticantes da meditação estiveram a fazer. Alguns vieram até aos laboratórios, como aconteceu em Madison, Wisconsin ou em Berkeley, fizeram entre 20 a 40 mil horas de meditação. Eles fizeram um retiro de três anos onde meditaram doze horas por dia. E durante o resto das suas vidas têm-no feito 3 ou 4 horas por dia. São uns verdadeiros campeões olímpicos do treino mental. (Risos) Este é o local onde os praticantes da meditação... - é inspirador como podem ver. Aqui com 256 eléctrodos. (Risos)

16:30

O que encontraram? Claro que a mesma coisa. O embargo científico - se alguma vez for submetido à "Nature", espero que seja aceite. Lida com o estado de compaixão, compaixão incondicional. Pedimos aos praticantes de meditação que têm praticado durante anos e anos, para colocarem a sua mente num estado onde não existe mais nada além de compaixão - disponibilidade total para com os seres sencientes. Claro que durante o treino fazemos isto com objectos. Pensamos em pessoas em sofrimento, em pessoas que amamos, mas a determinada altura, pode ser um estado dominante. Aqui estão alguns resultados preliminares, que posso mostrar porque já foram divulgados. A curva em forma de sino mostra 150 controlos e o o que se procura é a diferença entre o lóbulos direito, esquerdo e frontal. Resumidamente, as pessoas com maior actividade no lado direito do córtex pré-frontal são mais depressivas, retiram - não mostram muito os afectos positivos. No lado esquerdo é o oposto: mais tendência para o altruísmo, à felicidade, à expressão e curiosidade e por aí fora. Há então uma linha básica para as pessoas. Mas pode ser alterada. Se vemos um filme cómico deslocamo-nos para o lado esquerdo. Se estamos felizes com algo, vamos mais para o lado esquerdo. Se tiver um período de depressão, desloca-se para o lado direito. Aqui, o -0,5 é o desvio padrão total de um praticante que meditou na compaixão. É algo que está totalmente fora da curva.

18:08

Não temos tempo de ver todos os resultados científicos. Confiemos que eles surgirão. Mas eles descobriram que - isto é após 3 hora e meia em MRI, é como sair de uma nave espacial. Também foi mostrado noutros laboratórios - por exemplo, no laboratório de Paul Ekman em Berkeley - que alguns praticantes da meditação também são capazes de controlar as suas respostas emocionais mais do que alguma vez se pensou. Como na experiência do susto, por exemplo. Se sentarmos um tipo numa cadeira com todo este tipo de aparelhos medindo a sua fisiologia, e há uma espécie de bomba que rebenta, é tão instintivo responder a isso que, em 20 anos, nunca encontraram ninguém que não tenha saltado. Alguns praticantes da meditação, sem tentar pará-la, mas estando simplesmente, completamente receptivos, pensando que o BANG será apenas um pequeno evento como uma estrela cadente, e não se movimentaram de todo.

19:03

O objectivo não é fazer de tudo isto uma espécie de circo onde se exibem seres excepcionais que conseguem saltar, ou o que quer que seja. Pretende-se simplesmente dizer que o treino da mente é importante. Que não é apenas um luxo. Não se trata de um suplemento vitamínico para a alma; é algo que vai determinar a qualidade de cada instante das nossas vidas. Estamos preparados para passar 15 anos a educarmo-nos. Gostamos de jogging, fitness. Fazemos todo o

tipo de coisas para nos mantermos bonitos. No entanto, surpreendentemente reservamos muito pouco tempo para o que mais importa: a forma como a nossa mente funciona. Que, novamente, é o que determina a qualidade da nossas experiências.

19:57

É suposto por-mos em acção a nossa compaixão. É o que tentamos fazer em locais diferentes. Apenas um exemplo sobre o qual vale a pena reflectir. Uma senhora com tuberculose óssea, deixada sozinha numa tenda, estás prestes a morrer com a sua filha única. Ei-la um ano depois. Diferentes escolas e clínicas que estudámos e praticámos no Tibete.

20:25

E deixo-vos apenas a contemplar a beleza destas paisagens que diz mais sobre a felicidade do eu alguma vez poderia dizer. E monges saltitantes do Tibete. (Risos) Monges voadores. Muito obrigado.

VÍDEO 4: "O MITO DA MÉDIA"

Educar para os extremos:



Como mencionei em um post recente, eu realmente gosto de ouvir podcasts. I encontrar algumas verdadeiras jóias de idéias e recursos através de alguns educadores surpreendentes através de ouvir seus podcasts. Alguns desses recursos realmente ressoam comigo de tal maneira que me faz necessidade de compartilhar com os outros. Hoje foi um daqueles dias em que eu escutei um podcast que realmente me

tocou.

Taxas elevadas de abandono escolar:

Todd Rose, um professor da faculdade de Harvard, tem uma perspectiva interessante e apaixonado sobre as questões que nos rodeiam na educação. Começa por falar sobre o mito da média. Ele começa seu discurso recordando que 1952 a Força Aérea sentiu dificuldades com a performance dos pilotos de caça, "Eles tinham bons pilotos que voam excelentes aviões, porém, os resultados estavam a deteriorar-se e não sabiam o porquê."

A força aérea culpou um número de pessoas e máquinas diferentes, apenas para, eventualmente, perceber que era a cabine que foi a culpa. Você vê, o cockpit foi projetado para o piloto "de tamanho médio". Sucesso dos pilotos foi determinada por seu "ajuste" entre o piloto e o cockpit. Em suas palavras, Todd Rose afirma: "Que bom é a melhor tecnologia do mundo se você não pode alcançar os instrumentos críticos quando você precisar deles mais."

O desafio, porém: "Como você projeta uma cabine que poderia caber a maioria dos indivíduos." Supunha-se, na época, que eles iriam projetar os planos para o piloto "médio". Se encaixa a pessoa de tamanho médio, então seria provável caber "a maioria" as pessoas. Isso, no entanto, foi provado errado por Airforce pesquisador, Gilbert Daniels. Como se verificou, através de seu estudo, ele constatou que nenhum dos 4.000 pilotos foram "média" em todas as dez dimensões de tamanho mediu-los em (incluindo, altura, ombros, peito, cintura, quadris, pernas, alcance,

torso, pescoço e coxa). Ele provou que não havia tal coisa como um piloto "médio", mas que cada um tem um "perfil de tamanho irregular" (Recortado). Ninguém é o mesmo em todas as dimensões. Só porque você é altura média, isso não significa que você é o peso médio ou têm um comprimento médio torso.

Assim, a Força Aérea tomou uma atitude ousada e "proibiu a média". Eles se recusaram a comprar aviões de combate, onde a cabine foi feita para o piloto "médio". Em vez disso, eles exigiram que as empresas que produziram esses aviões, construir esses aviões não sobre a "média", mas projetado-los "para as bordas" de dimensões de tamanho.

Todd Rose corajosamente compara esses cockpits para os assentos em nossas salas de aula de hoje.

"Nós ainda projetar nossos ambientes de aprendizagem, como os nossos livros didáticos, para o aluno médio. Sem brincadeiras. Chamamos-lhe adequada à idade e achamos que é bom o suficiente, mas não é. "

Todd Rose passa a falar sobre as diferentes dimensões da aprendizagem de nossos alunos (assim como as dimensões de variação do tamanho dos pilotos de caça).

"E, assim como o tamanho, cada aluno, cada um deles, tem um perfil irregular de aprendizagem, o que significa que eles têm pontos fortes, eles são média em algumas coisas e eles têm fraquezas. Todos nós fazemos. Até mesmo os gênios têm pontos fracos. "

"Se você projetar esses ambientes de aprendizagem, em média, as probabilidades são que você projetou-los para ninguém. Assim, não admira que temos um problema. Criamos ambientes de aprendizagem que porque eles são projetados, em média, não pode fazer o que nós esperávamos-los a fazer o que é nutrir o potencial individual. "

Queremos consolidar todos os talentos de nossos alunos. Seu gênio. Todos os nossos estudantes têm-los. Precisamos derrubar essas barreiras para realmente ver o que nossos alunos são capazes de - todos os nossos alunos. Ele não pode ser bem mais tempo para este não ser o caso. Nós temos a tecnologia para fazer isso acontecer. Como Todd estados, até mesmo a mais simples das soluções terá um enorme impacto sobre os indivíduos. Nós precisamos estar abertos e fazer essas soluções uma realidade para todos os estudantes em nossas salas de aula. Em um final emotivo, Todd afirma: "Estamos perdendo tanto talento em todos os níveis único. E a coisa é para cada uma pessoa como eu, há milhões de pessoas que trabalharam tão duro, que tiveram a capacidade, mas foram incapazes de superar o arrasto de um ambiente educativo projetado em média, e seu talento é perdido para sempre para nós. "

Eu diria, que não é apenas sobre as empresas que vendem os seus produtos educacionais para nossas escolas. Não é apenas sobre as empresas que desenvolvem produtos que atendam as necessidades dos indivíduos nas bordas. Trata-se de uma pedagogia que deve ser a base de mudanças na educação. Se o material evolui, é garantido que a pedagogia irá evoluir também?

Acima de tudo, é também sobre a pedagogia de professores individuais. Que a pedagogia deve evoluir. Todos os educadores precisam de ver os pontos fortes e fracos de seus alunos. Eles precisam aprender a promover os pontos fortes individuais e trabalhar para limitar o impacto das fraquezas individuais. Os professores precisam de ser reflexivo e compreender as suas próprias forças e fraquezas também. Temos todos eles. Como Todd diz, mesmo os gênios têm pontos fracos. É como usamos nossas redes para nos ajudar e como podemos aproveitar os pontos fortes no quarto para mover-nos para a frente, para ajudar a diminuir as nossas próprias fraquezas. Precisamos ensinar nossos alunos a fazer o mesmo. Para fazer isso, porém, precisamos modelar que nós mesmos.

VÍDEO 5: "CONSTRUIR UMA ESCOLA NA NUVEM"

0:12

Qual será o futuro da aprendizagem?

0:17

Eu tenho um plano, mas para eu vos poder dizer qual é esse plano, preciso de vos contar uma pequena história, que estabelece o contexto.



0:28

Tentei olhar para o tipo de aprendizagem que praticamos nas escolas, de onde é que veio? Podem olhar para o passado longínquo, mas se olharem para educação de hoje do modo como é, é bastante fácil de perceber de onde veio. Veio há cerca de 300 anos atrás, e veio do último e maior dos impérios deste planeta. ["O Império Britânico"] Imaginem tentar dirigir o espetáculo, tentar governar o planeta inteiro, sem

computadores, sem telefones, com dados manuscritos em pedaços de papel, e viajar em navios. Mas os vitorianos fizeram-no, de facto. O que fizeram foi incrível. Eles criaram um computador global feito de pessoas. Ainda está connosco hoje. Chama-se a máquina burocrática administrativa. Para se ter essa máquina a funcionar precisa-se de muitas e muitas pessoas. Fizeram outra máquina para produzir essas pessoas: a escola. As escolas produziram as pessoas que se tornariam partes da máquina burocrática administrativa. Elas devem ser idênticas umas às outras. Devem saber três coisas: Têm que ter uma boa caligrafia, porque os dados são manuscritos; devem ser capazes de ler; e devem ser capazes de fazer a multiplicação, divisão, adição e subtração, de cabeça. Têm que ser tão idênticas que se poderia escolher uma da Nova Zelândia e embarcá-la para o Canadá e estaria instantaneamente funcional. Os vitorianos eram grandes engenheiros. Engendraram um sistema que era tão robusto que está connosco até hoje, continuamente a produzir pessoas idênticas para uma máquina que já não existe. O império já se foi, então o que estamos fazer com aquele modelo que produz estas pessoas idênticas, e o que vamos fazer a seguir se alguma vez vamos fazer mais qualquer coisa com isso?

2:55

["As escolas, tal como as conhecemos, estão obsoletas"]

2:56

Esse é um comentário bastante forte. Eu disse que as escolas, tal como as conhecemos agora, são obsoletas. Não estou a dizer que não funcionam. É muito comum dizer que o sistema educacional não funciona. Funciona. Está maravilhosamente construído. Apenas já não precisamos daquilo. Está desatualizado. Quais são os tipos de empregos que temos hoje? Bem, os escriturários são os computadores. Eles estão ali aos milhares em cada escritório. E há pessoas que orientam esses computadores para fazer os seus trabalhos administrativos. Essas pessoas não precisam de ter uma bela caligrafia. Não precisam da capacidade de multiplicar números, de cabeça. Elas precisam é de saber ler. De facto, precisam de ser capazes de ler com discernimento.

3:42

Bem, isso é hoje, mas nós nem sabemos como vão ser os empregos do futuro. Sabemos que as pessoas vão trabalhar a partir de onde quiserem, quando quiserem, da maneira como quiserem. Como é que a escolarização atual as vai preparar para esse mundo?

4:00

Bem, deparei-me com tudo isto completamente por acidente. Eu costumava ensinar as pessoas a escrever programas de computador em Nova Deli, há 14 anos. E, mesmo ao lado de onde eu trabalhava, havia um bairro de lata. E eu costumava pensar, como é que aquelas crianças vão alguma vez aprender a escrever programas de computador? Ou não deveriam aprender? Ao mesmo tempo, também tínhamos muitos pais, gente rica, que tinham computadores, e que me costumavam dizer: "Sabe, o meu filho, "acho que ele é dotado, "porque ele faz coisas maravilhosas com computadores. "E minha filha — oh, com certeza que ela é extra-inteligente." E assim por diante. De repente, pensei: "Como é que todos os ricos só têm "crianças extraordinariamente dotadas?" (Risos) O que é que os pobres fizeram de errado? Eu fiz um buraco no muro de divisão entre o bairro de lata e o meu escritório, e enfiei um computador lá dentro, só para ver o que aconteceria se eu desse um computador a crianças que nunca teriam um, que não sabiam inglês nenhum, não sabiam o que era a <i>Internet</i>.

5:05

As crianças vieram a correr. Estava a 90 cm de altura do chão, e elas perguntaram: "O que é isto?"

5:08

E eu respondi: "Sim, é um... eu não sei." (Risos)

5:13

Elas perguntaram: "Porque é que colocou isso aí?"

5:15

Eu disse: "Por nada."

5:17

E perguntaram: "Podemos tocar-lhe?" Eu disse: "Se o desejarem."

5:20

E fui-me embora. Cerca de oito horas mais tarde, descobrimo-las a navegar e a ensinarem umas às outras como navegar. Então eu disse: "Bem, isso é impossível, porque... "Como é possível? Eles não sabem nada."

5:33

Os meus colegas disseram: "Não, é de solução simples. "Um dos teus alunos deve ter passado pelo local, "mostrou-lhes como usar o rato."

5:41

Então eu disse: "Sim, isso é possível."

5:42

Então, repeti a experiência. Fui para fora de Deli, a 480 Km de distância para uma vila mesmo remota onde as hipóteses de passar um engenheiro especializado em desenvolvimento de <i>software</i> era muito pequena. (Risos) Repeti a experiência lá. Não havia lugar onde ficar, então coloquei o meu computador, fui-me embora, voltei após alguns meses, encontrei as crianças a jogar jogos no computador.

6:04

Quando eles me viram, disseram, "Queremos um processador mais rápido e um rato melhor."

6:08

(Risos)

6:12

Então, eu perguntei-lhes: "Como é que sabem tudo isso?"

6:15

E disseram-me algo muito interessante. Num tom de voz irritado, disseram-me: "Você deu-nos uma máquina que só trabalha em inglês, então tivemos que nos ensinar inglês a nós mesmos para a usarmos." (Risos) Essa foi a primeira vez, como professor, que ouvi a expressão "ensinar-nos a nós mesmos", dita tão casualmente.

6:35

Aqui está um breve vislumbre daqueles anos. Este é o primeiro dia no Buraco na Parede. À vossa direita está uma criança de oito anos. À esquerda dele, a sua aluna. Ela tem seis. E ele está a ensiná-la a navegar. Depois, noutras partes do país, repeti isto muitas vezes, obtendo exatamente os mesmos resultados que [tínhamos obtido]. ["Buraco na Parede - filme - 1999"] Um menino de 8 anos de idade a dizer à sua irmã mais velha o que fazer. E, finalmente, uma menina a explicar em marati o que isto é, e disse: "Há um processador lá dentro."

7:25

Então comecei a publicar. Publiquei em todo o lado. Anotei e medi tudo, e disse: "Em nove meses, um grupo de crianças "deixadas a sós com um computador em qualquer língua, "alcançará o mesmo nível que uma secretária de um escritório no ocidente." Eu tinha visto isso acontecer vezes sem conta.

7:44

Mas eu estava curioso em saber, o que mais poderiam elas fazer se já podiam fazer tanto? Comecei a experimentar com outros tópicos, entre eles, por exemplo, a pronúncia. Há uma comunidade de crianças no sul da Índia cuja pronúncia do inglês é realmente má, e precisavam de uma boa pronúncia porque isso iria melhorar os seus empregos. Dei-lhes um computador com um sistema de síntese de voz, e disse: "Continuem a falar para aqui até que ele digite o que disserem." (Risos) Eles fizeram isso, e vejam um bocadinho disto.

8:20

Computador: Muito gosto em o conhecer. Criança: Muito gosto em o conhecer.

8:26

Sugata Mitra: A razão para eu ter terminado a mostrar o rosto daquela jovem senhora ali é porque suspeito que muitos de vocês a conhecem. Ela agora trabalha num Call Center em Hyderabad e pode ter-vos torturado sobre as contas do cartão de crédito num sotaque inglês muito claro.

8:45

Aí as pessoas disseram: "Bem, até onde é que isto vai? "Aonde é que vai parar?" Decidi que iria destruir o meu próprio argumento criando uma proposição absurda. Coloquei uma hipótese, uma ridícula hipótese. Tâmil é uma língua sul-indiana, e perguntei: "Podem as crianças falantes de tâmil numa vila sul-indiana "aprender a biotecnologia da replicação de ADN, em Inglês, "através de um computador na rua?" E eu disse: "Vou avaliá-los. Eles vão tirar um zero. "Vou levar um par de meses, vou deixá-lo ficar um par de meses, "vou regressar, eles vão tirar outro zero. "Vou regressar ao laboratório e dizer que precisamos de professores." Encontrei uma aldeia. Chamava-se Kallikuppam no sul da Índia. Coloquei lá computadores de Buracos na Parede, descarreguei todo o tipo de coisas da <i>Internet</i> sobre replicação do ADN, a maior parte da qual, eu não compreendia.

9:36

As crianças vieram a correr e perguntaram: "O que é tudo isto?"

9:39

Então eu disse: "Isto é muito específico, muito importante. Mas está tudo em inglês."

9:44

Aí elas disseram: "Como é que podemos entender palavras tão grandes em inglês "e diagramas e química?"

9:50

Portanto, nesta altura eu tinha desenvolvido um novo método pedagógico, então eu apliquei-o. Disse: "Não faço a menor ideia." (Risos) "E, de qualquer forma, eu vou-me embora." (Risos)

10:06

Então eu deixei-os durante dois meses. Eles iam ter um zero. Fiz-lhes um teste. Voltei passados dois meses e as crianças avançaram em bloco e disseram: "Não entendemos nada."

10:17

Aí eu disse: "Bem, o que é que eu esperava?" Então disse: "Ok, mas quanto tempo vos levou "até decidirem que não conseguiam entender nada?"

10:26

Aí eles disseram: "Nós não desistimos. "Olhámos para aquilo todos os dias."

10:30

Então eu perguntei: "O quê? Vocês não entendem estes ecrãs "e continuam a olhar para isto durante dois meses? Para quê?"

10:35

Então uma menina que vocês vêem agora, levantou a mão, e disse-me numa fraca mistura de tâmil com inglês, ela disse: "Bem, além do facto de que "a replicação imprópria da molécula do ADN causa doenças, "não entendemos mais nada."

10:48

(Risos) (Aplausos)

10:54

Então testei-os. Eu obtive uma impossibilidade educativa, de 0% a 30% em dois meses no calor tropical com um computador debaixo da árvore numa língua que não sabiam fazendo uma coisa uma década à frente do tempo deles. Absurdo. Mas eu tinha que seguir a norma vitoriana. Trinta por cento é uma reprovação. "Como os levo a passar? Tenho que lhes conseguir mais 20 pontos." Não consegui encontrar um professor. O que encontrei foi uma amiga que tinham, uma jovem de 22 anos que era contabilista e que estava sempre a brincar com eles.

11:31

Então perguntei a esta jovem: "Pode ajudá-los?"

11:33

E ela disse: "Claro que não. "Não tive ciências na escola. Não faço ideia "do que fazem debaixo daquela árvore o dia inteiro. Eu não o posso ajudar."

11:43

Eu disse-lhe: "Vou-lhe dizer uma coisa. Use o método da avó."

11:48

Então ela perguntou: "O que é isso?"

11:49

Eu disse: "Fique em pé atrás deles. "Quando eles fizerem qualquer coisa, diga apenas: " 'Bem, uau, quero dizer, como fizeste isso? " 'Qual é a próxima página? Eu, da tua idade, não teria conseguido fazer isso.' "Sabe o que as avós fazem."

12:01

Então ela fez isso durante mais dois meses. As pontuações saltaram para os 50%. Kallikuppam tinha conseguido ficar a par da minha escola piloto em Nova Deli, uma escola privada rica com um professor formado em biotecnologia. Quando vi aquele gráfico sabia que havia uma maneira de nivelar o campo de jogo.

12:19

Aqui está Kallikuppam.

12:21

(Crianças a falar): Neurónios... comunicação.

12:29

Errei o ângulo da câmara. Aquela só tem conteúdo amador, mas o que ela estava a dizer, como puderam perceber, era sobre neurónios, com as suas mãos assim, e ela estava a dizer que os neurónios comunicam. Aos 12.

12:44

Então como serão os empregos? Bem, sabemos como são hoje. Como será a aprendizagem? Sabemos como é hoje, crianças a transbordar com os seus telemóveis numa mão e, depois, relutantemente, a irem para a escola e a pegarem nos livros com a outra mão.

12:59

O que será amanhã? Poderá ser que não precisemos, de todo, de ir para a escola? Poderá ser que, no momento em que precisarmos de saber alguma coisa, poderemos descobri-lo em dois minutos? Poderá ser — uma questão devastadora, uma questão que me foi colocada por Nicholas Negroponte — poderá ser que nos estejamos a dirigir para ou talvez num futuro onde o conhecimento é obsoleto? Mas isso é terrível. Nós somos Homo sapiens. Conhecimento, isso é o que nos distingue dos macacos. Mas vejam isso desta maneira. A Natureza levou 100 milhões de anos para fazer o macaco ficar de pé e tornar-se Homo sapiens. Nós levámos apenas 10 000 para tornar o conhecimento obsoleto. Isto foi cá uma conquista. Mas temos que integrar isso no nosso próprio futuro.

13:53

O encorajamento parece ser a chave. Se olharem para Kuppam, se olharem para todas as experiências que fiz, foi só dizer: "Uau," saudando a aprendizagem.

14:07

Há evidências da neurociência. A parte réptil do nosso cérebro, localizada no centro de nosso cérebro, quando é ameaçada, bloqueia todo o resto, bloqueia o córtex pré-frontal, as partes que

aprendem, bloqueia tudo isso. O castigo e os exames são vistos como ameaças. Nós pegamos nas nossas crianças, fazemos com que bloqueiem os seus cérebros, e depois dizemos: "Executa." Porque é que eles criaram um sistema assim? Porque era necessário. Houve uma época na Época dos Impérios em que se precisava das pessoas que pudessem sobreviver sob ameaça. Quando se está sozinho numa trincheira, se se conseguisse sobreviver, estava-se bem, tinha-se passado [no teste]. Se não, tinha-se falhado. Mas a Época dos Impérios terminou. O que acontece à criatividade na nossa época? Precisamos de retomar o equilíbrio da ameaça para prazer.

15:07

Regressei a Inglaterra à procura de avós britânicas. Divulguei anúncios e panfletos a dizerem: "Se é uma avó britânica, se tem banda larga e uma câmara *web*, "pode dar-me uma hora do seu tempo livre por semana, gratuitamente?" Recebi 200 nas primeiras duas semanas. Conheço mais avós britânicas do que qualquer um no universo. (Risos) São chamadas de "a Nuvem das Avós". A Nuvem das Avós está na *Internet*. Se há uma criança com problemas, nós emitimos uma Avó. Ela liga-se através do Skype e arranja as coisas. Eu vi-as fazê-lo de uma vila chamada Diggles no nordeste da Inglaterra, para o interior de uma vila em Tamil Nadu, Índia, a 9656 quilómetros de distância. Ela faz aquilo com apenas um gesto simples. "Shhh." Ok?

16:01

Vejam isto.

16:02

Avó: "Não me consegues apanhar." Digam vocês. "Não me consegues apanhar."

16:10

Crianças: "Não me consegues apanhar."

16:13

Avó: "Eu sou o Homem Pão de Gengibre." Crianças: "Eu sou o Homem Pão de Gengibre."

16:19

Avó: Parabéns! Muito bem.

16:23

SM: O que está a acontecer aqui? Eu penso que o que precisamos de olhar é para... precisamos de olhar para a aprendizagem como o produto de auto-organização educativa. Se permitirem que o processo educativo se auto-organize, a aprendizagem emerge. Não se trata de fazer a aprendizagem acontecer. Trata-se de a deixar acontecer. O professor coloca o processo em movimento e depois ele afasta-se e observa e assiste enquanto a aprendizagem acontece. Penso que é para isto que tudo aponta.

16:56

Mas como saberemos? Como chegaremos a saber? Bem, eu tenciono construir estes Ambientes de Aprendizagem Auto-Organizados (SOLE). São, basicamente, banda larga, colaboração e encorajamento unidos. Tentei isto em muitas, muitas escolas.

17:12

Foi experimentado em todo o mundo, e professores como que se afastavam para observar e diziam: "Isto simplesmente acontece sozinho?"

17:18

E eu disse: — "Sim, acontece sozinho." — "Como é que sabia isso?"

17:21

Eu respondi: "Não vão acreditar nas crianças que me disseram "e de onde são."

17:27

Aqui está uma SOLE em ação.

17:30

(Crianças a falar)

17:36

Este está em Inglaterra. Ele mantém a lei e a ordem, porque, lembrem-se, não há um professor por perto.

17:57

Menina: O total de eletrões não é igual ao número total de prótons — SM: Austrália Menina: ...a dar-lhe uma carga elétrica positiva ou negativa. A carga num ião é igual ao número de prótons no ião menos o número de eletrões.

18:14

SM: Uma década à frente do tempo dela.

18:17

Então SOLEs, penso que precisamos de um currículo de grandes questões. Já ouvimos sobre isso. Sabem o que isso significa. Houve um tempo em que homens e mulheres da Idade da Pedra costumavam sentar-se a olhar para o céu e diziam: "O que são aquelas luzes a piscar?" Construíram o primeiro currículo, mas perdemos de vista essas maravilhosas perguntas. Reduzimos isso à tangente de um ângulo. Mas isso não é suficientemente <i>sexy</i>. O modo como diríamos isso a uma criança de nove anos é: "Se um meteorito estivesse para atingir a Terra, "como descobririas se ia atingir ou não?" E se ele disser: "Bem, o quê? Como?" dizemos: "Há uma palavra mágica. Chama-se a tangente de um ângulo," e deixamo-lo sozinho. Ele vai descobrir.

19:02

Aqui estão algumas imagens de SOLEs. Tentei questões incríveis, incríveis — "Quando é que o mundo começou? Como vai acabar?" — para crianças de nove anos. Esta é sobre o que acontece ao ar que respiramos. Isto é feito por crianças sem a ajuda de qualquer professor. O professor apenas levanta a questão e depois recua e admira a resposta.

19:32

Então, qual é o meu desejo? O meu desejo é que nós façamos o projeto do futuro da aprendizagem. Não queremos ser peças suplentes para um grande computador humano, queremos? Então precisamos de projetar o futuro da aprendizagem. E tenho que — esperem aí, tenho que acertar nas palavras exatas, porque, vocês sabem, é muito importante. O meu desejo é ajudar a projetar o futuro da aprendizagem apoiando crianças em todo o mundo para estimular o seu fascínio e capacidade de trabalharem em conjunto. Ajudem-me a construir esta escola. Vai-se chamar School in the Cloud [Escola na Nuvem]. Será uma escola onde crianças embarcam nestas aventuras intelectuais motivadas pelas grandes questões que os seus mediadores colocam. O modo como quero fazer isto é construir uma instalação onde eu possa estudar isto. É uma instalação praticamente sem ninguém. Há apenas uma avó que gere a saúde e segurança. O resto é a partir da nuvem. As luzes são ligadas ou desligadas pela nuvem, etc., etc., tudo é feito a partir da nuvem.

20:38

Mas quero-vos para outro propósito. Vocês podem criar Ambientes de Aprendizagem Auto-Organizados em casa, na escola, fora da escola, em clubes. É muito fácil de fazer. Há um excelente documento produzido pela TED que vos vai dizer como fazer. Por favor, por favor,

façam-no em todos os cinco continentes e enviem-me os dados, que eu, depois, junto tudo, transfiro-os para a Escola das Nuvens, e crio o futuro da aprendizagem. Esse é o meu desejo.

21:10

E só uma última coisa. Vou levar-vos ao topo dos Himalaias. A 3 650 metros, onde o ar é rarefeito, construí certa vez dois computadores em Buracos na Parede, e as crianças aglomeraram-se lá. E havia uma menina pequena que me seguia para onde fosse.

21:24

E eu disse-lhe: "Sabes, quero dar um computador a toda a gente, a cada criança. "Não sei, o que devo fazer?" E eu estava a tentar tirar-lhe uma foto, disfarçadamente.

21:35

Ela, de repente, levantou a mão daquela maneira, e disse-me: "Despacha-te lá com isso."

21:41

(Risos) (Aplausos)

21:53

Penso que foi um bom conselho. Vou seguir o conselho dela. Vou parar de falar. Obrigado. Muito obrigado. (Aplausos) Obrigado. Obrigado. (Aplausos) Muito obrigado. Uau. (Aplausos)

VÍDEO 6: "ESCOLAS QUE FUNCIONAM PARA AS CRIANÇAS"

ECONOMIA DA FELICIDADE

GRUPO 2 - ECONOMIA DA FELICIDADE

SERÃO de SEXTA-FEIRA dia 13 de NOVEMBRO

MANHÃ de SÁBADO dia 14 de NOVEMBRO

✓ VÍDEO 1

✓ VÍDEO 2

✓ VÍDEO 3

✓ VÍDEO 4

✓ VÍDEO 5

✓ VÍDEO 6

“**CONVIDADOS** – *não presenciais...*”:



1. **VÍDEO 1:** *Annie Lennard* – perita em matéria relacionadas com o Comércio e Cooperação Internacional, Desenvolvimento Sustentável e Saúde Ambiental. Criadora e narradora do Documentário Animado “A História das Coisas” (A nossa obsessão com as coisas está a destruir o planeta).
2. **VÍDEO 2:** *Barry Schwartz* – Psicólogo e autor de inúmeros livros a destacar “O Custo da Vida – A liberdade de mercado está a erodir as melhores coisas da vida”.
3. **VÍDEO 3:** *Franz Hörmann* – Doutorado em Economia com distinção e professor associado no Instituto Austríaco de Auditoria, Confiança e Contabilidade da Universidade de Economia de Viena.
4. **VÍDEO 4:** *Chip Conley* – Foi o fundador da cadeia de hotéis “Joie de Vivre Hospitality”, tendo ganho o prémio de atendimento ao cliente e destacou-se relativamente a grandes cadeias de hotéis como o Marriott, Hilton, Hyatt, Sheraton, Westin, Kimpton e hotéis Península. Recebeu um dos maiores elogios na indústria hoteleira dos EUA, o *Pioneer Award ISHC*. *Desenvolveu a Fórmula da felicidade!...*
5. **VÍDEO 5:** *Rachel Botsman* – Considerada uma líder do pensamento global sobre o poder da colaboração e partilha através de tecnologias digitais para transformar a maneira como vivemos, o mercado de trabalho, as finanças e a forma como as pessoas consomem.

6. **VÍDEO 6:** *Nic Marks* – Ativista pela justiça social, económica e ambiental. Co-fundador da NEF (New Economic Foundation), com o objectivo de trabalhar para um “novo modelo de criação de riqueza, baseada na igualdade, diversidade e estabilidade económica”. Desenvolveu o indicador – Índice Planetário de Felicidade. A Felicidade é um trabalho sério.



TRABALHO DE GRUPO – TEMA 2: ECONOMIA COLABORATIVA

VIDE O	AUTOR	Título do Vídeo	ÁREA TEMÁTICA- LINK	COMPETÊNCIAS	TEMP O
VEC1	Annie Lennard	“A História das Soluções”	Alteração dos objetivos socioeconómicos e a sustentabilidade – pegada ecológica. https://www.youtube.com/watch?v=cpkRvc-sOKk	ECONOMIA E SUSTENTABILIDADE – “Pegada Ecológica”	1:00 h
VEC2	Barry Schwartz	“A forma como Pensamos sobre o Trabalho está quebrada”	Trabalho? http://www.ted.com/talks/barry_schwartz_the_way_w_e_think_about_work_is_broken	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEC3	Prof Franz Hörmann	“Deficit e o problemas do atual Sistema Monetário”	Um Mundo sem Dinheiro. https://www.youtube.com/watch?v=FYWVbdSX7B4	ECONOMIA – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEC4	Chip Conley	“Vida com Significado”	Medir aquilo que faz com que a vida valha a pena https://www.ted.com/talks/chip_conley_measuring_what_makes_life_worthwhile	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEC5	Rachel Botsman	“O caso do Consumo Colaborativo”	Economia Colaborativa http://www.ted.com/talks/rachel_botsman_the_case_for_collaborative_consumption?language=pt	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
VEC6	Nic Marks	“O Índice Planetário de Felicidade”	Economia da Felicidade https://www.youtube.com/watch?t=304&v=M1o3FS0awtk	DESENVOLVIMENTO SOCIAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h
O1	Andressa Salgueiro	Economia da Partilha/Troca	Economia só faz sentido se proporcionar felicidade!	DESENVOLVIMENTO PESSOAL – “Aprender a Relacionar-se com os outros”	1:00 h

Bibliografia de Apoio – ECONOMIA FELICIDADE

VEF1:

- Annie Leonard (2010); "The Story of Stuff – How our obsession with stuff is trashing the Planet, our communities, and our health – and a vision for change";

VEF2:

- Barry Schwartz (2010), "The Costs of Living: How Market Freedom Erodes the Best Things in Life".

VEF3:

- Prof Franz Hörmann - website: <http://www.franzhoermann.com/>

VEF4:

- Chip Conley and Tony Hsieh (2013); "Emotional Equations: Simple Steps for Creating Happiness + Success in Business + Life"

VEF5:

- Rachel Botsman (2010); "What's Mine Is Yours: The Rise of Collaborative Consumption"; harper Collins
- Lisa Gansky (2010); "The mesh – why the future of business is sharing"; Portfolio Penguin;
- European Commission; "The Sharing Economy – Accessibility based Business Models for Peer-to-Peer markets – Case Study"; Business Innovation Observatory;
- P2P Foundation (2012); "Sybthetic Overview of the Collaborative Economy"; Report produced by P2P Foundation in April of 2012;
- Kathleen Stokes, Emma Clarence, Lauren Anderson, April Rinne (2014); "Making sense of the uk collaborative economy"; NESTA Collaborative Lab;

VEF6:

- Nic Marks (2009), "The Happiness Manifesto"; TED Books.

VÍDEO 1: "ANIE LENNARD – A HISTÓRIA DAS SOLUÇÕES"



Nova marca de Annie Leonard: A história de Soluções

O último filme da série "História das Coisas", pergunta, que se o **OBJETIVO DA NOSSA ECONOMIA NÃO ERA MAIS, MAS MELHOR** -melhor saúde, melhores empregos e uma melhor chance de sobreviver no planeta?

Em um anúncio para uma grande empresa de telefonia cobrindo TV este ano, um círculo de crianças com olhos de corça é perguntou: "Quem pensa mais é melhor que menos?" Você sabe as respostas one-um kindergartener ansioso:

"Queremos mais, queremos mais", antes que a voz comercial entoar: "Não é complicado ..."

Para os economistas, não há distinção entre dinheiro gasto em coisas que torna a vida melhor e dinheiro gasto em coisas que torna a vida pior.

Quando se trata de nossa economia, a maioria dos americanos também acreditam que mais é sempre melhor. Mais, neste caso, é o que os economistas chamam de **crecimento**, e estamos disse que uma maior PIB - a maneira que nós medir atividade econômica, significa que estamos ganhando. Então é o número que milhares de regras e leis são projetados para aumentar.

Afinal, que tipo de perdedor não iria querer mais?

Mas ao contrário do comercial, que é um pouco mais complicado.

Para os economistas, não há distinção entre dinheiro gasto em coisas que torna a vida melhor e dinheiro gasto em coisas que torna a vida pior. PIB trata tanto o mesmo. Se o PIB sobe, estamos disse que estamos golden-mesmo que ele realmente não nos dizem nada sobre como estamos realmente fazendo como uma sociedade.

Em que eu chamo de "Game of More," os políticos animar uma economia crescente, ao mesmo tempo que os nossos indicadores de saúde estão piorando, a desigualdade de renda está crescendo, e calotas polares estão derretendo.

Mas e se nós mudamos o ponto do jogo? O que se o objetivo da nossa economia não era mais, mas melhor-melhor saúde, melhores empregos e uma melhor chance de sobreviver no planeta? Isso não deveria ser o que significa vencer?

Essa é a pergunta que eu faço no meu novo filme, "The Story of Solutions."

Nele, eu reconheço que a mudança do objetivo de toda a economia de mais a mais bem é uma tarefa enorme. Nós não podemos fazer tudo de uma vez. Mas defendo que, concentrando-se em soluções para mudar o jogo, podemos constantemente construir uma economia que valoriza coisas como mais seguro, mais saudável e mais justo tanto quanto nós atualmente valorizam mais rápido, mais barato e mais recente.

Então, qual é a solução para mudar o jogo se parece?

É uma solução que dá às pessoas mais poder tomar o poder por trás das corporações. Valoriza a verdade de que a felicidade eo bem-estar não vêm de comprar mais coisas, mas a partir de nossas comunidades, nossa saúde e nosso senso de propósito. É responsável por todos os custos que ela cria, incluindo o pedágio que leva as pessoas e para o planeta, em outras palavras, ele internaliza os custos, em vez de exteriorizar-los como a maioria das empresas fazem hoje. E isso diminui a enorme disparidade de riqueza entre aqueles que não podem ainda satisfazer suas necessidades básicas e aqueles que consomem muito mais do que seu quinhão.

Quando vejo uma solução que faz tudo isso, eu estou em E eles estão surgindo em toda parte.:

Como as cooperativas Evergreen em Cleveland, onde trabalhadores-proprietários estão executando-a empresas verdes lavanderia, uma empresa de energia solar, e uma fazenda-que é saudável, segura-run e democraticamente urbana de super produtivo.

Ou em Capannori, Itália, um chamado cidade Lixo Zero, onde os cidadãos locais, empresas e governo não são apenas com o objetivo de gerenciar os resíduos melhor, eles estão questionando a própria inevitabilidade de resíduos, trabalhando em conjunto como uma comunidade para recuperar composto por o solo, para encontrar substitutos para os produtos reutilizáveis descartáveis, e colocar material descartado para uma boa utilização.

E como sobre a nova tendência de "consumo colaborativo" -formerly conhecido como partilha? Sharing pode soar como o tema de uma canção Barney, mas é um enorme desafio para o velho jogo. Coisas como programas Bikeshare e plataformas online que nos permitem compartilhar

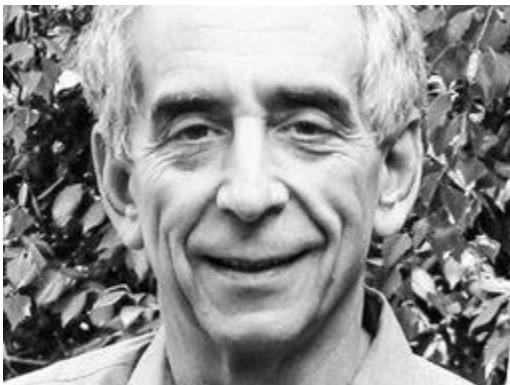
tudo de nossos carros para as nossas casas nos tirar a esteira de mais, mais, mais, conservar os recursos, dar às pessoas acesso a coisas que de outra forma não poderiam pagar, e construir a comunidade. Agradável!

Annie Leonard: Como ser mais do que um Consumidor Consciente

Como eu disse, é difícil mudar a meta da economia de uma vez. Mas as soluções como transformacionais como estes ganho de tração, eu acho que nós vamos chegar a um ponto de inflexão-se manter o foco sobre o novo objetivo de melhor. Eu acredito que dentro de uma geração que é possível nós estaremos ouvindo maneira menos sobre o preço da ação da última fase de arranque ou a vida da bateria do iPhone mais recente e muito mais sobre a saúde do nosso planeta e vizinhos.

Então, da próxima vez que você ouvir alguém pregar as virtudes do mais, dizer-lhes que você escolher melhor.

VÍDEO 2: "A FORMA COMO PENSAMOS SOBRE O TRABALHO ESTÁ QUEBRADA"



Hoje vou falar sobre trabalho. E a pergunta que quero fazer e responder é esta: "Por que trabalhamos?" Por que nos arrastamos da cama todos os dias de manhã ao invés de vivermos nossas vidas apenas pulando de uma aventura TED a outra?

00:31

(Risos)

00:33

Vocês podem estar se perguntando essa mesma questão. Sei que, certamente, temos que ganhar a vida, mas ninguém nesse auditório acha que essa é a resposta para a pergunta: "Por que trabalhamos?" Para as pessoas nessa sala o trabalho que fazemos é desafiador, atraente, estimulante, significativo. E se temos sorte, ele pode até ser importante.

00:54

Não trabalharíamos se não nos pagassem, mas não é por isso que fazemos o que fazemos. E, no geral, acho que cremos que recompensas materiais são razões ruins para fazermos o trabalho que fazemos. Quando dizemos que alguém está "fazendo por dinheiro", não estamos apenas sendo descritivos.

01:12

(Risos)

01:13

Acho que isso é bem óbvio, mas a obviedade disso levanta, o que pra mim, é uma questão incrivelmente profunda. Por que, se é tão óbvio, por que é que para a esmagadora maioria das

peças no planeta, o trabalho que fazem não tem nenhuma das características que nos faz levantar, sair da cama e ir para o escritório de manhã? Como é que permitimos que a maioria das pessoas no planeta faça **trabalhos monótonos, sem sentido e sufocantes**? Por que é que ao longo do desenvolvimento do capitalismo ele criou um modo de produção de bens e serviços, nos quais as satisfações não materiais que vêm do trabalho foram eliminadas? Trabalhadores que fazem esse tipo de trabalho, seja em fábricas, em centrais de atendimento, ou em armazéns, o fazem pelo pagamento. Com certeza, não há outra razão para que façam o que fazem, exceto pelo pagamento.

02:14

Então a pergunta é: "Por quê?" E aqui está a resposta: a resposta é tecnologia. Agora, eu sei... sim, tecnologia, automação, estraga as pessoas, blá blá... Não é o que quero dizer. Não estou falando do tipo de tecnologia que envolveu nossas vidas, e pessoas vêm ao TED escutar a respeito. Não estou falando sobre a tecnologia das coisas, embora isso seja profundo. Estou falando de outra tecnologia. Estou falando da tecnologia das ideias. Chamo de "tecnologia da ideia". Que engenhoso! (Risos)

02:51

Além de criar coisas, a ciência cria ideias. A ciência cria meios de entendimento. E nas ciências sociais, os meios de entendimento que são criados, são meios de nos entendermos. E eles têm uma influência enorme em como pensamos, o que almejamos ser, e como agimos.

03:11

Se você acha que sua pobreza é a vontade de Deus, você reza. Se você acha que sua pobreza é resultado da sua inadequação, você se desespera. E se você pensa que sua pobreza é o resultado de opressão e dominação, então você se ergue em revolta. Se sua resposta à pobreza é resignação ou revolução, depende de como você entende as origens da sua pobreza. Esse é o papel que as ideias têm em nos moldar como seres humanos, e é por isso que a "tecnologia da ideia" pode ser a tecnologia mais importante que a ciência nos dá.

03:50

E há algo de especial sobre a "tecnologia da ideia", que a faz diferente da tecnologia das coisas. Com as coisas, se a tecnologia é um saco, ela simplesmente some, certo? Tecnologia ruim desaparece. Com ideias, falsas ideias sobre seres humanos não vão embora, se as pessoas acreditarem que são verdade. Porque se as pessoas acreditam que são verdade, elas criam maneiras de viver e instituições que são consistentes com essas ideias falsas.

04:25

E é assim que a Revolução Industrial criou um sistema de fábricas no qual não havia nada que você pudesse obter do seu dia de trabalho, exceto o pagamento no final do dia. Porque um dos pais da Revolução Industrial, Adam Smith, estava convencido de que os seres humanos eram preguiçosos por natureza e não fariam nada, a não ser que valesse a pena. E a maneira que se fazia com que valesse a pena era incentivando, dando recompensas. Essa era a única razão que alguém faria alguma coisa. Então, criamos um sistema de fábricas consistente com uma falsa visão da natureza humana. Mas assim que aquele sistema de produção foi instaurado, não havia realmente outro jeito das pessoas funcionarem, exceto da maneira que era consistente com a visão do Adam Smith. O trabalho é só um exemplo de como falsas ideias podem criar uma circunstância que acaba tornando-as verdadeiras.

05:22

Não é verdade que "não se consegue mais boa ajuda". É verdade que "não se consegue mais boa ajuda" quando se dá para as pessoas trabalhos que são humilhantes e desalmados. E mais interessante, Adam Smith, o mesmo cara que nos deu essa incrível invenção da produção em massa e divisão de trabalho, entendeu isso. Ele disse, sobre homens que trabalhavam nas linhas de montagem: "Ele geralmente se torna tão estúpido quanto um ser humano pode se tornar". Agora, observem a palavra "tornar-se". "Ele geralmente se torna tão estúpido quanto um ser humano pode se tornar". Tenha ele planejado ou não, o que Adam Smith estava nos dizendo é que, a estrutura da instituição na qual as pessoas trabalham, cria pessoas que são aptas às demandas daquela instituição, e priva as pessoas da oportunidade de sentir satisfação pelo seu trabalho, algo que nós consideramos normal.

06:28

O que acontece com as ciências naturais, é que podemos arquitetar fantásticas teorias sobre o cosmos e ter total confiança de que o cosmos é completamente indiferente às nossas teorias. Vai funcionar do mesmo jeito, não importa quais teorias temos sobre o cosmos. Mas temos que nos preocupar com as teorias sobre a natureza humana, porque a natureza humana será alterada pelas teorias que temos que são elaboradas para explicar e nos ajudar a entender os seres humanos.

07:02

O ilustre antropologista Clifford Geertz disse, anos atrás, que seres humanos são os "animais inacabados". E o que ele quis dizer foi, que é da natureza humana ter uma natureza humana, a qual é praticamente o produto da sociedade em que as pessoas vivem. Essa natureza humana, ou seja, nossa natureza humana, é muito mais criada do que é descoberta. Nós moldamos a natureza humana moldando as instituições nas quais pessoas vivem e trabalham.

07:36

Então vocês, certamente o mais perto que chegarei de estar com mestres do universo, vocês deveriam estar se perguntando uma coisa, quando forem embora para casa, para administrarem suas empresas. Que tipo de natureza humana vocês querem ajudar a moldar?

07:53

Obrigado.

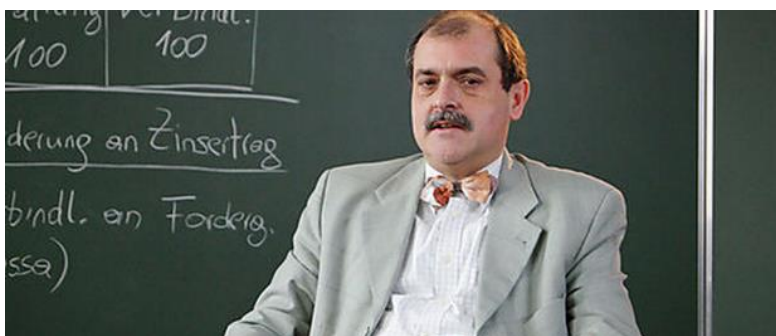
07:54

(Aplausos)

07:56

Obrigado.

VÍDEO 3: "FRANZ HORTMANN – O PROBLEMA DO SISTEMA MONETÁRIO"



VÍDEO 4: "VIDA COM SIGNIFICADO"



0:12

Irei falar sobre a simples verdade sobre a liderança no século XXI. No século XXI, precisamos realmente olhar para - e o que irei encorajá-los a considerar hoje - é voltar ao nossos dias de escola quando aprendemos a contar. Mas é hora de pensarmos sobre aquilo que contamos. Porque o que contamos realmente conta verdadeiramente.

0:33

Deixem-me começar por contar uma pequena história. Esta é Van Quach. Ela veio para este país em 1986, do Vietname. Ela mudou o nome para Vivian porque queria integrar-se aqui na América. O seu primeiro emprego foi num motel no centro da cidade em São Francisco como camareira. E aconteceu de eu comprar esse motel cerca de três meses depois de a Vivian começar a trabalhar lá. Então a Vivian e eu temos trabalhado juntos por 23 anos.

0:57

Com o idealismo de uma jovem de 26 anos, em 1987, abri minha firma chamada Joie de Vivre, um nome pouco prático, porque estava na verdade procurando criar alegria de viver. E esse primeiro hotel que comprei, motel, era um motel pago à hora, para quem procurava discrição, no centro da cidade de São Francisco. Enquanto passava tempo com a Vivian, Percebi que ela tinha uma espécie de "joie de vivre" na forma como desempenhava o seu trabalho. Isso deixou-me curioso e inquisitivo: Como poderia alguém encontrar alegria limpando sanitas para ganhar a vida? Então passei tempo com a Vivian, e vi que ela não encontrava alegria em limpar sanitas. O seu trabalho, o seu objetivo e a sua vocação não era tornar-se a maior esfregadora de sanitas do mundo. O que conta para a Vivian é a ligação emocional que ela criava com seus companheiros de trabalho e os nossos hóspedes. E o que lhe deu inspiração e sentido foi o facto de que estava cuidando de pessoas que estavam longe de casa. Porque Vivian sabia como era estar longe de casa.

1:56

Aquela lição tão humana, mais de 20 anos atrás, ajudou-me bastante durante a última crise económica que tivemos. No despertar da crise pontocom e no 11 de setembro, Os hotéis na Bay Area de São Francisco passaram pela maior queda de receitas na história hoteleira Americana. Éramos a maior operadora de hotéis da Bay Area, por isso estávamos particularmente vulneráveis. Mas também nessa época, lembrem-se que parámos de comer batatas fritas (french fries) nesse país. Bem, não foi bem assim, claro que não. (Bush passou a chamar Freedom Fries às French Fries) Começámos a comer "batatas livres." (freedom fries) E começamos a boicotar tudo que fosse Francês. Bem, o nome de minha companhia, **Joie de Vivre** - então comecei a receber cartas de lugares como Alabama e Orange County dizendo que iriam boicotar minha companhia porque pensaram que éramos uma empresa francesa. E respondi dizendo,

"Espera aí, não somos franceses. Somos uma companhia Americana. Estamos em São Francisco." E receberia uma resposta seca, "Oh, pior ainda."

2:51

(Risos)

2:54

Então um dia quando me sentia deprimido e nem um pouco de joie de vivre, fui a uma livraria local perto dos nossos escritórios. Comecei na secção de negócios da livraria procurando soluções de negócios. Mas devido à minha confusão mental, acabei rapidamente na ala de auto-ajuda. E foi lá que me reencontrei com a hierarquia de necessidades de Abraham Maslow. Fiz um curso de psicologia na faculdade, e aprendi sobre este tipo, Abraham Maslow, muitos de nós sabemos estamos familiarizados com esta sua hierarquia de necessidades. Mas enquanto estive lá sentado, durante quatro horas, a tarde toda, lendo Maslow, reconheci algo que é verdadeiro para a maioria dos líderes. E um dos factos mais simples nos negócios é algo que normalmente negligenciamos. E é que todos somos humanos. E cada um, qualquer que seja o seu papel nos negócios, tem alguma hierarquia de necessidades no local de trabalho.

3:44

Enquanto começava a ler mais Maslow, o que comecei a perceber é que, Maslow, mais tarde na vida, quis levar sua hierarquia para o indivíduo e aplicá-la ao colectivo, às organizações e especificamente aos negócios. Mas infelizmente, morreu prematuramente em 1970. E não foi capaz de viver o seu sonho completamente. Percebi na crise do pontocom que o meu papel na vida era canalizar Abe Maslow. E foi isso que fiz há alguns anos atrás quando peguei na sua pirâmide de necessidades de cinco níveis e a mudei para o que chamo de pirâmide da transformação, que é sobrevivência, sucesso e transformação. Não é somente fundamental nos negócios, é fundamental na vida. E começámos a perguntar-nos a nós próprios as questões acerca de como estávamos realmente a lidar com as necessidades mais altas, as necessidades transformacionais dos nossos empregados chave na empresa. Estes três níveis da hierarquia de necessidades relacionam-se com os cinco níveis da hierarquia de necessidades de Maslow.

4:37

Mas enquanto nos perguntávamos sobre como estávamos a lidar com as necessidades mais altas dos nossos empregados e clientes, percebi que não tínhamos medições. Não tínhamos nada que nos pudesse mostrar que realmente estávamos a fazer as coisas como deve ser. Então começámos a perguntar-nos: Que tipo menos-óbvio de medições poderíamos usar para realmente avaliar o sentido de significado dos nossos empregados, ou a ligação emocional dos nossos clientes connosco? Por exemplo, começámos a perguntar aos nossos empregados, compreendem eles a missão da companhia, e acreditam eles na missão, e podem influenciá-la, e sentem eles que o seu trabalho realmente tem um impacto na missão? E começámos a perguntar aos nossos clientes, se sentiam uma ligação emocional connosco, em uma de sete diferentes formas. Miraculosamente, enquanto fazíamos estas perguntas e começávamos a dar mais atenção à parte mais alta da pirâmide, descobrimos que criámos mais lealdade. A lealdade da nossa clientela subiu em flecha. A rotatividade dos empregados caiu para um terço da média do sector, e durante os cinco anos de queda da pontocom, triplicamos de tamanho.

5:34

E quando comecei a sair e a a passar tempo com outros líderes e lhes perguntei como eles estavam a passar aquele período, o que me disseram uma e outra vez foi que só só geriam o que conseguiam medir. E o que podemos medir é essa coisa tangível na parte de baixo da pirâmide.

Eles nem viam as coisas intangíveis na parte de cima da pirâmide. Então comecei fazer-me a pergunta: Como conseguir que os líderes comecem a valorizar as coisas intangíveis? Se somos ensinados a gerir o que podemos medir, e tudo que podemos medir é o que é tangível na vida, estamos a perder muitas coisas no topo da pirâmide.

6:04

Então comecei a estudar um monte de coisas. e descobri uma pesquisa que mostrava que 94 por cento dos líderes corporativos em todo o mundo acreditam que o intangível é importante nos negócios, coisas como propriedade intelectual, a sua cultura corporativa, a lealdade à sua marca e no entanto, apenas cinco por cento dos mesmos líderes tinham de facto uma forma de medir o intangível nos negócios. Então, enquanto líderes, nós entendemos que os intangíveis são importantes, mas não temos ideia como medi-los. Aqui vai outra frase de Einstein: "Nem tudo o que pode ser contado conta, e nem tudo o que conta pode ser contado." Odeio discutir com Einstein, mas se o que é mais precioso nas nossas vidas e nos nossos negócios não pode ser contado ou valorizado, não iremos passar as nossas vidas simplesmente atolados na medição do mundano?

6:55

Foi esse tipo de pergunta inebriante sobre o que conta que me fez tirar o meu chapéu de CEO por uma semana e voar para os picos dos Himalaias. Voei para um lugar que tem sido envolto em mistério durante séculos, um lugar que alguns chamam de Shangri-la. Ele na verdade mudou da base de sobrevivência da pirâmide para se tornar um modelo transformacional para o mundo. Fui ao Butão. O rei adolescente do Butão também era um homem curioso, mas isso foi em 1972, quando chegou ao trono dois dias depois da morte de seu pai. Aos 17, começou a fazer o tipo de perguntas que seria de esperar de alguém com uma mente jovem.

7:33

Numa viagem pela Índia, cedo no seu reinado, um jornalista indiano perguntou-lhe sobre o PIB do Butão, o tamanho do PIB butanês. E o rei respondeu de uma forma que nos transformou por décadas a seguir. Ele disse o seguinte: Ele disse, "Por que estamos tão obcecados e focados com o produto interno bruto? Por que não nos preocupamos mais sobre a felicidade interna bruta?" Agora, na essência, o rei estava a pedir-nos para considerarmos uma definição alternativa de sucesso, que passou a ser conhecida como FIB, ou Felicidade Interna Bruta. A maioria dos líderes mundiais não se apercebeu, e aqueles que se aperceberam pensaram que era somente "Economia Budista." Mas o rei falava a sério. E foi um momento notável, porque foi a primeira vez que um líder mundial em quase 200 anos tinha sugerido o intangível da felicidade - novamente, aquele líder 200 anos antes, Thomas Jefferson com a Declaração da Independência 200 anos antes, esse rei estava sugerindo que o intangível da felicidade é algo que deveríamos medir, e é algo que deveríamos de facto valorizar como responsáveis governamentais.

8:42

Nos 36 anos seguintes como rei, este rei começou realmente a medir e a gerir a felicidade no Butão - incluindo, recentemente, mudar o país de uma monarquia absoluta para uma monarquia constitucional sem derramamento de sangue, sem golpes de estado. E o Butão, para aqueles que não sabem, é a mais nova democracia no mundo, somente dois anos atrás.

9:03

Enquanto passava tempo com os líderes do movimento FIB, comecei a entender o que eles estavam a fazer. E passei algum tempo com o Primeiro-Ministro. Durante o jantar, fiz uma pergunta impertinente Perguntei-lhe, "Como pode criar e medir algo que se evapora - em outras

palavras, felicidade?" E ele é um homem muito sábio, e disse, "Ouça, o objectivo de Butão não é criar felicidade. Criamos as condições para felicidade acontecer. Noutras palavras, criamos um habitat para felicidade." Uau, isso é interessante. Ele disse que têm uma ciência por detrás dessa arte, e que criaram quatro pilares essenciais, nove indicadores chave e 72 medidas diferentes que ajudam a medir o FIB. Um desses indicadores chave é: Como os butaneses se sentem sobre como passam o tempo cada dia? É uma boa pergunta. Como te sentes sobre como usas o teu tempo cada dia? O tempo é um dos recursos mais escassos no mundo moderno. E no entanto, é claro, esse pequeno dado intangível não faz parte dos nossos cálculos do PIB.

10:08

Enquanto passava a minha semana nos Himalaias, comecei a imaginar o que chamo de uma equação emocional. E foca-se em algo que li há muito tempo de um tipo chamado Rabbi Hyman Schachtel. Quantos de vós o conhecem? Alguém? Em 1954, ele escreveu "The Real Enjoyment of life," e sugeriu que a felicidade não é sobre termos o que quisermos; em vez disso, é sobre querermos o que temos. Em outras palavras, acho que o povo de Butão acredita que a felicidade é igual a querermos o que temos - imaginem a gratidão - dividida por termos o que queremos - gratificação. Os butaneses não estão numa esteira rolante aspiracional, constantemente olhando para o que não têm. A sua religião, a sua isolamento, o seu profundo respeito pela sua cultura e agora os princípios de seu movimento FIB todos geram um sentimento de gratidão sobre o que eles têm. Quantos de nós aqui, como TEDsters nesta audiência, passam mais tempo na parte de baixo desta equação, no denominador? Somos uma cultura pesada na parte de baixo em mais do que um sentido.

11:13

(Risos)

11:15

A realidade é que, nos países ocidentais, frequentemente nos focamos no perseguir da felicidade como se felicidade fosse algo que tivéssemos de pegar - um objeto que tivéssemos de ter, ou talvez muitos objetos. Na verdade, se olharmos para o dicionário, muitos dicionários definem perseguir como "tentar apanhar com hostilidade". Perseguimos felicidade com hostilidade? Boa pergunta. Mas de volta a Butão.

11:42

O Butão faz fronteira tanto ao norte quanto ao sul com 38% da população mundial. Poderá este pequeno país, como uma empresa startup numa indústria madura, ser a vela de ignição que influencia um século 21 de classe media da China e Índia? O Butão criou a mais fabulosa das exportações, uma nova moeda global do bem estar, e 40 países em todo o mundo hoje que estão a estudar o seu próprio FIB. Talvez tenham escutado, neste último outono, Nicolas Sarkozy em França, anunciou o resultado de um estudo de 18 meses de 2 economistas vencedores do Nobel, focados na felicidade e bem estar em França. Sarkozy sugeriu que os líderes mundiais deveriam parar de focar de forma míope no PIB e considerar um novo índice, o que alguns franceses estão a chamar de "índice joie de vivre." Gosto do nome. Oportunidade de parceria ao nível da marca.

12:35

E somente há três dias, há três dias aqui no TED, tivemos uma transmissão simultânea de David Cameron, potencialmente o próximo Primeiro-Ministro do Reino Unido, citando um dos meus favoritos discursos de todos os tempos, o discurso poético de Robert Kennedy em 1968 quando

ele sugeriu que nós estamos focando de forma míope na coisa errada e que o PIB é uma medida mal aplicada. Por isso, sugere que a dinâmica está a mudar.

12:58

Peguei nessa citação de Robert Kennedy, e transformei-a num novo balanço por um momento. Isto é uma coleção de coisas que o Robert Kennedy disse. O PIB conta tudo desde a poluição do ar à destruição de nossas florestas. Mas não conta a saúde das crianças ou a integridade de nossos funcionários públicos. Enquanto olham essas duas colunas aqui, isso não te faz sentir que é hora de descobirmos uma nova forma de contar, uma nova forma de imaginar o que é importante para nós na vida?

13:28

(Aplausos)

13:32

Certamente, Robert Kennedy sugeriu no final do discurso exactamente isso Ele disse o PIB "mede tudo realmente, excepto o que faz a vida valer a pena." Uau. Então como fazemos isso? Deixem-me dizer uma coisa que podemos começar a fazer daqui a dez anos, pelo menos neste país. Porque diabos na América estamos fazendo um censo em 2010? Estamos a gastar 10 mil milhões de dólares com o censos. E estamos a fazer 10 perguntas simples - é a simplicidade. Mas todas essas perguntas são tangíveis. São sobre a demografia. São sobre onde moramos, com quantas pessoas vivemos, se somos donos ou não das nossas casas. É só isso. Não estamos a perguntar dados significativos. Não estamos a perguntar questões importantes. Não estamos a perguntar nada que seja intangível.

14:15

Abe Maslow disse há muito tempo atrás algo que você já escutámos antes, mas não tínhamos percebido que era dele. Ele disse, "Se a única ferramenta que tens é um martelo, tudo começa a se parecer com um prego." Fomos enganados pela nossa ferramenta. Desculpem a expressão. (Risos) Fomos enganados pela nossa ferramenta. O PIB tem sido o nosso martelo. E nosso prego tem sido um modelo industrial dos séculos XIX e XX de sucesso. E no entanto, 64 por cento do PIB do mundo hoje em dia está na indústria intangível que chamamos de serviços, a indústria de serviços, a indústria em que estou. E somente 36% está na indústria de tangíveis de manufactura e agricultura. Então talvez seja altura de arranjar uma caixa de ferramentas melhor, não? Talvez seja altura de arranjar uma caixa de ferramentas que não conte somente o que é fácil de contar, o que é tangível na vida, mas que conte realmente o que é mais precioso, as coisas que são intangíveis.

15:09

Creio que sou um CEO bem curioso. Também fui um aluno curioso de economia na faculdade. E aprendi que os economistas medem tudo em unidades tangíveis de produção e consumo como se cada uma dessas unidades tangíveis fossem exactamente as mesmas. Elas não são as mesmas. De facto, como líderes, o que precisamos aprender é que podemos influenciar a qualidade dessas unidade de produção criando as condições para os nossos empregados viverem as suas vocações. No caso de Vivian, a sua unidade de produção não são as horas tangíveis que trabalha, é a diferença intangível que ela faz durante aquela hora de trabalho.

15:47

Este é Dave Arringdale que tem sido hóspede no motel de Vivian há muito tempo. Ele já se hospedou centenas de vezes nos últimos 20 anos. E sua lealdade é devido ao relacionamento que Vivian e os outros empregados criaram com ele. Criaram um ambiente de felicidade para

Dave. E ele diz-me que pode sempre contar com a Vivian e com o pessoal lá para que ele se sinta em casa Porque é que os líderes corporativos e os investidores, muitas vezes não vêm a ligação entre criar o intangível da felicidade dos empregados com a criação do tangível dos lucros financeiros nos seus negócios? Não temos de escolher entre empregados inspirados e grandes lucros, podemos ter ambos. De facto, empregados inspirados, frequentemente ajudam a ganhar maiores lucros, certo?

16:40

Então o que o mundo precisa agora, na minha opinião, é de líderes corporativos e líderes políticos que sabem o que contar. Contamos números. Contamos com pessoas. O que realmente conta é quando usamos os nossos números para realmente levarmos em conta as nossas pessoas. Aprendi isso através de uma camareira num motel e de um rei de um país. O que podem vocês começar a contar hoje? Que coisa podem começar a contar hoje que seria realmente significativa nas vossas vidas, seja nas vossas vidas pessoais ou nas vossas vidas profissionais?

17:17

Muito obrigado.

17:19

(Aplausos)

VÍDEO 5: "O CASO DO CONSUMO COLABORATIVO"

0:11



Hoje vou falar-vos acerca do surgimento do consumo colaborativo. Vou explicar o que é e tentar convencer-vos -- em apenas 15 minutos -- que isto não é uma ideia inconsistente, ou uma tendência de curta duração, mas uma força económica e cultural poderosa, que reinventa, não só o que consumimos, mas como consumimos.

0:32

Vou começar com um exemplo enganadoramente simples. Mãos no ar -- quantos de vocês têm livros, CD's, DVD's, ou livros em casa que provavelmente não vão utilizar outra vez, mas que não são capazes de deitar fora? Não consigo ver todas as mãos, mas parece que são todos. Nas nossas prateleiras de casa, temos uma box set de DVD da série "24" -- temporada seis para ser precisa. Penso que foi comprada para nós à cerca de três anos atrás como prenda de Natal. Ora o meu marido, Chris, e eu adoramos esta série. Mas honestamente, quando a vimos uma vez -- talvez duas -- não queremos de facto vê-la outra vez, porque sabem como é que o Jack Bauer vai derrotar os terroristas. Por isso ali fica nas nossas prateleiras obsoleta para nós, mas com valor imediato latente para outra pessoa. Ora antes de continuarmos, tenho uma confissão a fazer. Eu vivi em Nova Iorque durante 10 anos, e sou uma grande fã de "Sexo e a Cidade". Ora eu adorava ver o primeiro filme outra vez como uma espécie de aquecimento para sequela que vem para a próxima semana. Portanto quão facilmente eu trocava a nossa cópia desnecessária de "24" por uma cópia de "Sexo e a Cidade"? Podem ter reparado que há um novo sector emergente chamado "swap trading". A analogia mais fácil para o swap trading é como um serviço de encontros online para toda a vossa Mídia. O que faz é usar a internet para criar um

mercado infinito para combinar a posses da pessoa A com os quereres da pessoa C, sejam quais for.

2:02

Na outra semana, fui a um desses sites, apropriadamente chamado Swaptree. E havia cerca de 59.300 items que podia trocar instantaneamente pela minha cópia de "24". maravilha das maravilhas, em Reseda, CA estava rondoron que queria trocar a sua cópia "como nova" de "Sexo e a Cidade" pela minha cópia de "24". Por outras palavras, o que se está a passar aqui é que o Swaptree resolve o meu grande problema um problema que os economistas chamam de "coincidência de quereres" em aproximadamente 60 segundos. O que é ainda mais espantoso é que vai imprimir uma etiqueta de peso no local, porque sabe qual é o peso do item. Há camadas de maravilha tecnológica por detrás de sites como Swaptree, mas não é do meu interesse, nem tão pouco o swap trading em si.

2:54

A minha paixão, e o que eu passei os últimos anos dedicada a investigar, são os comportamentos colaborativos e a mecânica de confiança inerente nestes sistemas. Quando pensam nisto, deve ter parecido um ideia louca, mesmo à poucos anos atrás, ser possível eu poder trocar as minhas coisas com um desconhecido cujo nome verdadeiro eu não sabia e sem qualquer dinheiro a ser trocado. Ainda assim 99 por cento das trocas no Swaptree são bem sucedidas. E o ponto percentual que recebe classificação negativa, é por razões relativamente menores, tal como o item não ter chegado a tempo.

3:28

Então o que é que se está a passar aqui? Uma dinâmica extremamente poderosa que tem implicações comerciais e culturais enormes está aqui em jogo. Nomeadamente, que a tecnologia está a permitir a confiança entre estranhos. Vivemos agora numa aldeia global onde podemos mimetizar os laços que costumavam ocorrer cara-a-cara, mas a uma escala e de uma maneira que nunca antes tinha sido possível. Portanto o que está a acontecer de facto é que as redes sociais e as tecnologias em tempo-real estão a levar-nos atrás. Estamos a regatear, negociar, trocar, partilhar, mas estas estão a ser reinventadas em formas dinâmicas e apelativas. Aquilo que eu acho fascinante é que ligámos de facto o nosso mundo para partilhar, quer seja com o nosso vizinho, a nossa escola, o nosso escritório, ou a nossa rede de Facebook. E isso está a criar uma economia de aquilo que é meu é nosso. Desde o poderoso eBay, o avô dos mercados de troca, a companhias de troca de carros tal como o GoGet, onde pagam uma prestação mensal para alugar carros à hora, até plataformas sociais de empréstimos tal como a Zopa, que pega em qualquer um desta audiência com 100 dólares para emprestar, e combina-o com um mutuário em qualquer sítio do mundo, estamos a partilhar e colaborar de novo de maneiras que eu acredito serem mais "hip do que hippie". Eu chamo a este engrandecimento consumo colaborativo.

4:54

Ora, antes de eu investigar os diferentes sistemas de consumo colaborativo, gostaria de tentar responder à pergunta que qualquer autor recebe devidamente, que é de onde surgiu esta ideia. Ora eu gostava de dizer que acordei numa manhã e disse, "Vou escrever sobre consumo colaborativo." Mas de facto foi uma rede complicada de ideias igualmente desconectas. No próximo minuto, vamos ver um pouco como uma disposição explosiva de conceitos de todos os pontos que passaram pela minha cabeça. A primeira coisa que comecei a reparar: quantos grandes conceitos estão a emergir -- desde a sabedoria das massas até máfias espertas -- à nossa

volta e quão ridiculamente fácil é formar grupos para um propósito. E ligados a esta mania das massas estavam exemplos por todo o mundo -- desde a eleição de um presidente à famosa Wikipedia, e todo o que está no meio -- do que o poder dos números podia alcançar.

5:46

Ora, sabem quando aprendem uma nova palavra, e depois começam a vê-la em todo o lado? Foi isso que me aconteceu quando reparei que estamos a passar de consumidores passivos a criadores, e para colaboradores altamente capazes. O que está a acontecer é que a Internet está a remover o intermediário, de maneira que qualquer um desde um designer de T-shirts a uma costureira possam ganhar a vida a vender de entre pares. E a força ubíqua desta revolução de pares significa partilhar está a acontecer a velocidades fenomenais. Quero dizer, é fantástico pensar que, a cada minuto deste discurso, 25 horas de vídeo no YouTube vão ser carregadas. Ora o que eu acho fascinante nestes exemplos e que estão de facto a tocar nos nossos instintos primatas. Somos macacos, e nascemos e fomos criados para partilhar e cooperar. E fazemos isto à milhares de anos, quer seja quando caçávamos em grupos, ou cultivávamos em cooperativas, até este grande sistema chamado hiper-consumo aparecer e construímos estas cercas e criarmos os nossos pequenos feudos. Mas as coisas estão a mudar, e uma das razões disso são os nativos digitais, ou geração-Y. Eles estão a crescer e a partilhar -- ficheiros, videojogos, conhecimento; é segunda natureza para eles. Então nós, a geração milénio -- Eu sou apenas uma dessas -- somos como soldados a pé, movendo-nos de um cultura do eu, para uma cultura do nós.

7:17

A razão pelo qual está a ocorrer tão rapidamente é por causa da colaboração móvel. Vivemos agora numa era conectada onde podemos localizar qualquer um, a qualquer altura, em tempo real, a partir de um pequeno instrumento nas nossas mãos. Tudo isto estava a passar-me pela cabeça por volta do final de 2008, quando, como é óbvio, a grande queda financeira aconteceu. Thomas Friedman é um dos meus colunistas favoritos do New York Times, e comentou vivamente que 2008 foi quando batemos numa parede quando a mãe natureza e o mercado disseram ambos, "Já chega." Agora sabemos racionalmente que uma economia construída sobre o hiper-consumo é um esquema Ponzi; é um castelo de cartas. Ainda assim, é difícil para nós saber individualmente o que fazer.

8:01

Portanto tudo isto é muito chilreio, certo? Bem, era muito ruído e complexidade na minha cabeça, até que finalmente percebi que estava a acontecer por causa de quatro elementos motivadores. Um, uma crença renovada na importância de comunidade, e uma própria redefinição daquilo que amigo ou vizinho realmente significa. Uma enchente de redes sociais de pares e tecnologias de tempo real, a mudar fundamentalmente a maneira como nos comportamos. Três, preocupações ambientais urgentes e não resolvidas. E quatro, uma recessão global que chocou fundamentalmente os comportamentos de consumo. Estas quatro motivações estão a fundir-se e a criar uma grande mudança -- para lá do século 20, definido por hiper-consumismo, para o século 21, definido por consumo colaborativo. Eu geralmente acredito que estamos num ponto de inflexão onde os comportamentos de partilha -- através de sites tais como o Flickr e Twitter que se estão a tornar segunda natureza online -- estão a ser aplicados a áreas offline da nossa vida quotidiana. Desde boleias matinais para a maneira como a moda é definida para a maneira como cultivamos comida, estamos a consumir e a colaborar novamente.

9:10

Portanto o meu co-autor, Roo Rogers, e eu reunimos de facto centenas de exemplos por todo o mundo de consumo colaborativo. E embora variem bastante em escala, maturidade e propósito, quando nos aprofundámos neles, apercebemo-nos que poderiam de facto estar organizados em três sistemas distintos. O primeiro é mercados de redistribuição. Mercados de redistribuição - - tal como o Swaptree -- consistem em quando pegam num item usado, ou pré-adquirido, e o retiram de onde é não é preciso para algum sítio, ou alguém, onde é. Eles são cada vez mais considerados como o quinto "R" -- Reduzir, reutilizar, reciclar, reparar e redistribuir -- porque aumentam o ciclo de vida de um produto e portanto reduzem os desperdícios.

9:49

O segundo é estilos de vida colaborativos. Isto é a partilha e os recursos de coisas como dinheiro, habilidades e tempo. Aposto que, em poucos anos, que frases tais como coworking e couch surfing e time banks vão-se tornar parte da língua materna. Um dos meus exemplos favoritos de estilos de vida colaborativos chama-se Landshare. É um esquema no Reino Unido que combina o Sr. Jones, com algum espaço livre no seu quintal, com a Sra. Smith, uma aspirante a cultivadora. Juntos cultivam a sua própria comida. É uma daquelas ideias que é tão simples, ainda que brilhante, que se questionam porque é que ainda não tinha sido feito.

10:30

Agora o terceiro sistema é economia de funcionalidade. Isto é quando pagam pelo benefício do produto -- o que ele faz para si -- sem necessitar de possuir o produto por completo. Esta ideia é particularmente poderosa para coisas que têm grande inutilidade. E isso pode ser qualquer coisa desde bens de bebés a moda, a -- Quantos de vocês têm berbequins? Possuem um berbequim? Certo. Esse berbequim vai ser usado cerca de 12 a 13 minutos durante todo o seu tempo de vida. (Risos) É um bocado ridículo, não é? Porque o que precisam é de um buraco, não é de um berbequim. (Risos) (Aplausos) Então porque é que não alugam o berbequim, ou, melhor ainda, alugam o vosso próprio berbequim a outras pessoas e fazem algum dinheiro com isso? Estes sistemas estão a juntar-se, permitindo às pessoas partilhar recursos sem terem de sacrificar os seus estilos de vida, ou as suas preciosas liberdades pessoais. Eu não estou a pedir às pessoas para partilhar agradavelmente na caixa de areia.

11:31

Por isso quero dar-vos um exemplo de como o consumo colaborativo pode ser poderoso a mudar os nossos comportamentos. O carro mediano custa 8000 dólares por ano para andar. No entanto, este cassó permanece quieto durante 23 horas por dia. Por isso quando consideram estes dois factos, começa a fazer um pouco menos de sentido que tenhamos de possuir um na totalidade. Isto é onde as companhias de partilha de carros tais como a Zipcar e a GoGet entram em cena. Em 2009, a Zipcar pegou em 250 participantes provenientes de 13 cidades -- que eram dependentes de carros assumidos e novatos em partilha de carros -- e fizeram-nos ceder as suas chaves por um mês. Em vez disso, estas pessoas tinham de andar, ir de bicicleta, apanhar o comboio, ou outras formas de transporte público. Só podiam usar os seus direitos de membro da Zipcar quando absolutamente necessário. Os resultados deste desafio em apenas um mês foram impressionantes. É espantoso que 413 libras (187 Kg) foram perdidos apenas pelo exercício extra. Mas a minha estatística favorita é a que 100 dos 250 participantes não queriam as suas chaves de volta. Por outras palavras, os viciados em carros tinham perdido a sua ansia de possuir um.

12:45

Ora a economia de funcionalidade está presente à anos. Basta pensarem nas livrarias e nas lavandarias. Mas eu acho que estão a entrar numa nova era, uma vez que a tecnologia torna a partilha divertida e sem atrito. Há uma grande citação que foi escrita no New York Times que dizia, "Partilhar é possuir aquilo que o iPod é para os cartuchos de 8 pistas, o que a energia solar é para a mina de carvão." Eu acredito também que na nossa geração, a nossa relação com a procura de satisfazer o que queremos é muito menos tangível do que em qualquer outra geração anterior. Eu não quero o DVD, eu quero o filme que contém. Eu não quero o desajeitado atendedor de chamadas, eu quero a mensagem que salva. Eu não quero um CD, eu quero a música que toca. Por outras palavras, eu não quero coisas, eu quero as necessidades e as experiências que satisfazem. Isto está a alimentar uma mudança massiva onde a utilização triunfa sobre a posse -- ou como Kevin Kelly, o editor da revista Wired, diz, "Onde o acesso é melhor que a propriedade."

13:44

Ora assim que as nossas posses se desmaterializam na cloud, uma linha desfocada está a aparecer entre aquilo que é meu, e o que é vosso, e o que é nosso. Quero dar-vos um exemplo que mostras quão rápido esta evolução está a ocorrer. Isto representa um intervalo de tempo de 8 anos. Passámos da posse tradicional de um carro a companhias de partilha de carros -- tais como a Zipcar e a GoGet -- a plataformas de partilha de combinam percursos à nova entrada, que é o alugar de carros por pares, onde podem de facto fazer dinheiro do aluguer de um carro que está quieto durante 23 horas por dia a um vizinho vosso. Ora todos estes sistemas requerem um grau de confiança, e a pedra angular deste mecanismo é a reputação.

14:30

Ora no antigo sistema de consumo, a nossa reputação não importava muito, porque o nosso histórico bancário era muito mais importante que qualquer tipo de revisão por pares. Mas agora com a Web, deixamos um rastro. Com cada spammer que denunciámos, com cada ideia que postámos, comentário que partilhamos, estamos de facto a sinalizar quão bem colaborámos, e se podemos ou não ser de confiança. Voltemos ao meu primeiro exemplo, Swaptree. Eu posso ver que rondaron completou 553 trocas com cem por cento de taxa de sucesso. Por outras palavras, eu posso confiar nele ou nela. Agora prestem atenção, é apenas uma questão de tempo até que sejamos capazes de efetuar um pesquisa do tipo Google e ver um quadro cumulativo do nosso capital de reputação. E este capital de reputação vai determinar o nosso acesso ao consumo colaborativo. É uma nova moeda social, por assim dizer, que pode tornar-se tão poderosa quanto a nossa avaliação de crédito.

15:31

Agora como um pensamento de término, Eu acredito que estamos de facto num período onde estamos a acordar desta ressaca monstruosa de vazio e desperdício, e estamos a tomar um passo para criar um sistema mais sustentável construído para servir as nossas necessidades inatas para a comunidade e indentidade individual. Acredito que vai ser referida como uma revolução, por assim dizer -- quando a sociedade, enfrentada com grandes desafios, fizer uma mudança sísmica do gasto e obtenção individual para uma redescoberta do bem coletivo. Estou numa missão para tornar a partilha porreira. Estou numa missão para tornar a partilha hip. Porque acredito de facto que é capaz de desfazer os modos de negócio desatualizados, ajudar-nos a dar um ultrapassar formas devassas de híper consumismo e ensinar-nos quando o suficiente é mesmo suficiente.

16:21

Muito obrigado.

16:23

(Aplausos)

VÍDEO 5: "ÍNDICE PLANETÁRIO DE FELICIDADE"



Martin Luther King não disse, "Eu tenho um pesadelo," quando inspirou os movimentos por direitos civis. Ele disse, "Eu tenho um sonho." E eu tenho um sonho. Eu tenho um sonho que nós podemos parar de pensar que o futuro será um pesadelo, e que será um desafio, porque, se você pensa no filme com maior sucesso de bilheteria dos últimos tempos, quase todas as previsões para a humanidade são apocalípticas. Acho que este filme é um dos mais difíceis de se assistir da era moderna.

"A Estrada." É uma bela produção do cinema, mas tudo é desolado, tudo está morto. Apenas um pai e filho tentando sobreviver, andando pela estrada. E eu acho que o movimento ambiental do qual eu faço parte tem sido cúmplice em criar essa visão do futuro.

01:10

Por muito tempo, vimos disseminando essa visão de pesadelo do que irá acontecer. Estamos focando no pior cenário possível. Temos focado em problemas. E nós não pensamos o suficiente nas soluções. Temos usado o medo, se preferir, para prender a atenção das pessoas. E qualquer psicólogo lhe dirá que o medo no organismo está conectado ao mecanismo de fuga. É parte do mecanismo da luta e de fuga, que quando um animal está amedrontado -- pense em um veado. Um veado fica totalmente paralisado, preparado para fugir. E acho que é isso que estamos fazendo quando pedimos para que as pessoas se engajem à nosso objetivo contra degradação ambiental e mudanças climáticas. As pessoas estão congelando e fugindo porque estamos usando o medo. E acho que o movimento ambiental precisa crescer e começar a pensar sobre o que é o progresso.

02:09

E como seria melhorar o futuro do homem? E um dos problemas que nós enfrentamos, eu penso, é que as únicas pessoas que tem conquistado o mercado em termos de progresso é uma definição financeira do que o progresso é, uma definição econômica do que o progresso é -- que de alguma forma, se conseguirmos aumentar os números corretos, seremos melhores, quer seja no mercado de ações, quer seja no PIB e crescimento econômico, que de alguma forma a vida irá melhorar. Isto é de certa maneira atraente para a cobiça humana em vez de medo -- a ideia de que mais é melhor. Qual é. No mundo ocidental, nós temos o suficiente. Talvez algumas partes do mundo não, mas nós temos o suficiente. E já sabemos a bastante tempo que esta não é uma boa medida da riqueza das nações. Na verdade, o arquiteto do nosso sistema contábil nacional, Simion Kuznets, na década de 30, disse que, "A riqueza de uma nação dificilmente pode ser medida com base em sua renda nacional." Mas nós criamos um sistema contábil nacional que está firmemente baseado na produção e produção de bens. E, de fato, isto é

provavelmente histórico, e teve o seu tempo. Na Segunda Guerra Mundial, nós precisamos produzir muitas coisas. E realmente, nós fomos tão bem sucedidos na produção de determinadas coisas que destruímos uma boa parte da Europa, e tivemos que reconstruir depois. E então nosso sistema contábil nacional passou a ser fixado no que nós podemos produzir.

03:32

Mas no início de 1968, este homem visionário, Robert Kennedy, no início de sua infeliz campanha presidencial, deu a mais eloquente desconstrução do produto nacional bruto que já existiu. E ele terminou sua apresentação com a frase, dizendo que "O produto nacional bruto mede tudo, exceto aquilo que faz a vida valer a pena." Que loucura é essa? Que a medida do nosso progresso, nossa medida dominante do progresso na sociedade, está medindo tudo exceto aquilo que faz a vida valer a pena? Eu acredito que se Kennedy estivesse vivo hoje, ele estaria pedindo a estatísticos como eu para sair e descobrir o que faz a vida valer a pena. Ele estaria nos pedindo para redesenhar nosso sistema contábil nacional para que se baseasse em coisas importantes como a justiça social, sustentabilidade e a qualidade de vida do povo.

04:32

E na verdade, cientistas sociais já saíram e fizeram essas perguntas ao redor do mundo. Isto é de uma pesquisa global. Ela pergunta às pessoas o que elas querem. E surpreendentemente, as pessoas pelo mundo dizem que o que elas querem é felicidade, para elas mesmas, para suas famílias, para suas crianças, suas comunidades. Tudo bem, eles acham que o dinheiro é um pouco importante. Aí está, mas não é tão importante quanto a felicidade, e não é tão importante quanto o amor. Todos nós precisamos amar e sermos amados na vida. Não é tão importante quanto a saúde. Queremos ser saudáveis e ter uma vida plena. Essas parecem ser aspirações humanas normais. Por que os estatísticos não estão mensurando isso? Por que não estamos pensando no progresso das nações de acordo com esses termos, em vez de quanta coisa nós possuímos? E realmente, isto é o que tenho feito com minha vida adulta -- é pensar sobre como nós medimos a felicidade, como medimos o bem-estar, como podemos fazer isso dentro dos limites ambientais.

05:29

E nós criamos, na organização para qual eu trabalho, a Nova Fundação de Economia, algo que nós chamamos de **Índice de Planeta Feliz**, porque acreditamos que as pessoas deveriam ser felizes e o planeta deveria ser feliz. Por que nós não criamos uma **medida de progresso que demonstre isso**? E o que fazemos, é dizermos que o resultado final de uma nação e o quão bem sucedido é na criação de vidas felizes e saudáveis para seus cidadãos. Esse deveria ser o objetivo de cada nação no planeta. Mas nós temos que lembrar que há um registro fundamental para isso, e é quantos recursos do planeta utilizamos. Todos nós temos um planeta. Todos nós devemos compartilhá-lo. Isto é o recurso mais escasso. o único planeta que compartilhamos. E a economia é muito interessada em escassez. Quando há algum recurso escasso que deseja que se transforme em um resultado desejável, pensa-se em termos de eficiência. Pensa-se em termos de qual será o custo do nosso benefício. E esta é uma medida de quanto bem-estar conseguimos pelo uso de recursos do nosso planeta. É uma medida eficiente. E provavelmente a forma mais fácil de demonstrar a você que, para mostrar-lhe este gráfico.

06:39

Seguindo horizontalmente ao longo do gráfico, é "pegada ecológica", que é a medida de quanto recurso utilizamos e quanta pressão nos exercemos sobre o planeta. Mais é ruim. Seguindo

verticalmente para cima, está uma medida chamada "felizes anos de vida". Trata-se do bem-estar das nações. É como uma felicidade ajustada à expectativa de vida. É como qualidade e quantidade de vida nas nações. E o ponto amarelo que veem aqui, é a média global. Agora, há um grande grupo de nações em torno dessa média global. No topo do lado direito do gráfico, são países que estão se dando relativamente bem produzindo bem-estar, mas estão utilizando muito do planeta para chegar lá. Eles são os Estados Unidos, outros países ocidentais ultrapassando aqueles triângulos e uns poucos países do Golfo realmente. Por outro lado, na parte inferior esquerda do gráfico, estão os países que não estão produzindo muito bem-estar - tipicamente, a África Subsaariana. Em termos Hobesianos, a vida é curta e bruta lá. A média de expectativa de vida em muitos desses países é de somente 40 anos. Malaria, HIV/AIDS estão matando pessoas nessas regiões do mundo.

07:50

Mas agora as boas notícias! Há alguns países aqui, triângulos amarelos, que estão melhores que a média global, que estão se encaminhando para o canto superior esquerdo do gráfico. Este é um gráfico de aspiração. Nós queremos estar no topo esquerdo, onde vidas boas não custam a terra. Eles são a América Latina. O país no seu próprio topo é um lugar no qual eu não estive. Talvez alguns de vocês tenham estado. Costa Rica. Costa Rica -- a expectativa de vida é de 78 anos e meio. Que é maior que dos EUA. Eles são, de acordo com a última pesquisa Gallup, a nação mais feliz do planeta -- mais que qualquer um; mais que a Suíça e a Dinamarca. Eles estão no local mais feliz. Eles estão fazendo isso com um quarto dos recursos que usualmente é utilizado no mundo ocidental -- um quarto dos recursos.

08:45

O que está acontecendo lá? O que está ocorrendo na Costa Rica? Podemos olhar alguns dados. 99% de sua eletricidade provém de recursos renováveis. O governo deles é o primeiro a se comprometer a ser neutro em carbono até 2021. Eles aboliram o exército em 1949 -- 1949. E eles investiram em programas sociais -- saúde e educação. Eles possuem uma das taxas mais altas de alfabetização da América Latina. e no mundo. E eles tem essa energia Latina, não é. Eles possuem essa conectividade social. Risos O desafio é que - isso é algo em que devemos pensar -- é que o futuro pode não estar na América do Norte, pode não estar na Europa Ocidental. Pode estar na América Latina. E o desafio, realmente, é puxar a média global até aqui. Isso é o que precisamos fazer. E se vamos fazer isso, precisamos puxar os países do fundo, e nós precisamos puxar países da parte direita do gráfico. E então começaremos a criar um planeta feliz. Esta é uma forma de se olhar.

09:54

Outra forma de se olhar é observar as tendências do tempo. Nós não possuímos informações de todos os países do mundo, mas de alguns dos países mais ricos, o grupo OCDE, nós temos. E esta é a tendência de bem-estar durante esse tempo, um pequeno aumento, mas esta é a tendência em pegada ecológica. E assim em rigorosa metodologia planeta feliz, nós nos tornamos menos eficientes em transformar nosso último e escasso recurso no resultado que nós queremos. E o ponto realmente é, é o que eu acho, provavelmente todos nesta sala gostariam que a sociedade chegasse a 2050 sem algo apocalíptico acontecer. Na verdade não está tão distante. É metade do período de vida de um ser humano. Uma criança entrando na escola hoje terá minha idade em 2050. Isto não é um futuro tão distante. Isto é o que o governo do Reino Unido planeja em emissões de carbono e gases de efeito estufa. E eu digo a vocês que não é o negócio como de costume. Isso está mudando nossos negócios. Isso está mudando a forma como nós criamos

nossas organizações. fazemos nossas políticas governamentais e vivemos nossas vidas. E o ponto é, precisamos continuar a aumentar o bem-estar. Ninguém pode ir às urnas e dizer que a qualidade de vida será reduzida. Nenhum de nós, eu acho, quer que o progresso humano pare. Acho que queremos prosseguir. Penso que nós queremos que a humanidade continue crescendo muito. E penso que é aí onde os céticos em mudanças climáticas e opositores entram. Penso que é o que eles querem. Eles querem que a qualidade de vida continue crescendo. Querem manter o que já conseguiram. E se vamos engajá-los, acho que é isso que devemos fazer. E isso significa que precisamos realmente aumentar a eficiência ainda mais.

11:33

Agora que é tão mais fácil desenhar gráficos e coisas desse tipo, mas o ponto é que precisamos dobrar aquelas curvas. E aqui é onde eu penso que nós podemos tirar uma folha da teoria de sistemas, sistemas de engenharia, onde eles criaram círculos de feedback, colocar a informação correta no ponto correto do tempo. Seres humanos são muito motivados pelo "agora". Você coloca um medidor inteligente em sua casa, e veja quanta eletricidade você está utilizando nesse exato momento, quanto está te custando, seus filhos vão desligar as luzes rapidinho. O que isso parece à sociedade? Por que é quê, nas notícias do rádio, todas as noites, eu ouço na FTSE 100, a Dow Jones, a relação entre dólar e libra -- Eu nem sei qual é a proporção que o dólar e a libra devem ter para que as notícias sejam boas. E por que eu ouço isso? Por que eu não ouço quanta eletricidade a Inglaterra usou ontem, ou os Estados Unidos usaram ontem? Alcançamos nossa meta anual de três por cento na redução de emissão de carbono? Assim é que se cria um objetivo coletivo. Nós divulgamos na mídia e começamos a pensar sobre isso. E nós precisamos de giros positivos de feedback para aumentar o bem-estar em um nível governamental, eles podem criar contas nacionais de bem-estar. No nível empresarial, você pode olhar para o bem-estar de seus empregados, o qual sabemos que realmente está ligado à criatividade, o qual está ligado à inovação, e nós vamos precisar de muita inovação para lidar com todas essas questões ambientais. Em nível pessoal, nós precisamos muito desses toques também. Talvez não precisemos tanto dos dados, mas necessitamos dos lembretes. No Reino Unido temos uma forte mensagem de saúde pública sobre comer 5 frutas e vegetais por dia e quanto de exercício nos devemos fazer -- nunca é meu assunto favorito. O que isso tem a ver com felicidade? Quais são as 5 coisas que você precisa fazer diariamente para ser feliz?

13:08

Nós fizemos um projeto para o Dep. de Ciências do governo há alguns anos, um grande programa chamado programa Foresight -- muitas e muitas pessoas -- muitos especialistas envolvidos -- tudo baseado em evidências -- uma enciclopédia. Mas um dos assuntos que tratamos foi: quais são as 5 ações positivas que você pode fazer para melhorar o bem-estar na sua vida? E o ponto disso é que eles não são completamente, o segredo da felicidade, mas são coisas que eu penso que a felicidade pode fluir dali.

13:31

E a primeira delas é conectar, seus relacionamentos sociais são os conectores mais importantes da sua vida. Você investe seu tempo com as pessoas que você ama que você poderia investir, e energia? Continue investindo. A segunda é ser ativo. A maneira mais rápida para se livrar do mau humor: saia, vá dar uma caminhada, ligue o rádio e dance. Ser ativo é ótimo para nosso humor positivo. A terceira é notar. O quão atento você é às coisas que acontecem pelo mundo, às mudanças de estação, às pessoas ao seu redor? Você percebe o que está borbulhando dentro de você e tentando emergir? Baseado em muitas evidências por atenção, terapia de

comportamento cognitivo, [muito] forte para nosso bem estar. A quarta é continuar aprendendo e manter é importante -- aprender durante todo o curso de uma vida. Pessoas mais velhas que continuam aprendendo e são curiosas, elas possuem resultados de saúde muito melhores do que aqueles que começam a se acomodar. Mas não precisa ser educação formal; não é baseado em conhecimento. É mais curiosidade. Pode ser aprender a cozinhar um novo prato, pegar um instrumento que você esqueceu desde a infância. Continuar aprendendo. E a última é a mais "anti-economia" das atividades, doar. Nossa generosidade, nosso altruísmo, nossa compaixão, tudo está interconectado ao mecanismo de recompensa do nosso cérebro. Nos sentimos bem se damos algo. Podemos fazer uma experiência onde você dá a dois grupos de pessoas cem dólares de manhã. Você diz a um grupo que é para gastar com eles mesmos e ao outro para gastar com outras pessoas. Meça a felicidade deles no final do dia, aqueles que saíram e gastaram com outras pessoas estão mais felizes do que aqueles que gastaram consigo.

15:11

E essas cinco formas, que colocamos nesses postais, Eu diria, elas não precisam custar a terra. Elas não possuem nenhum conteúdo de carbono. Elas não precisam de muitos bens materiais para estarem satisfeitas. E eu penso que é muito plausível que a felicidade não custe a terra. Agora, Martin Luther King, à beira de sua morte, deu um discurso incrível. Ele disse, "Eu sei que existem desafios à frente, que pode haver problemas adiante, mas não os temo. Não me importo. Estive no alto da montanha, e vi a Terra Prometida." Agora, ele foi um pregador, mas eu acredito que o movimento ambiental e, na verdade, a comunidade de empresários, o governo, precisam subir ao topo da montanha, e precisam olhar, e ver a Terra Prometida, ou a terra da promessa, e precisam ter uma visão de um mundo que todos nós queremos. E não somente que, nós precisamos criar uma Grande Transição para chegar lá, e precisamos pavimentar a grande transição com coisas boas.

16:15

Seres humanos querem ser felizes. Prepare-os com as cinco formas. E precisamos ter sinalizadores reunir pessoas e direcioná-los -- algo como o Índice Planeta Feliz. E então eu acredito que todos nós poderemos criar o mundo que queremos, onde a felicidade não custe a terra.

16:33

Aplausos